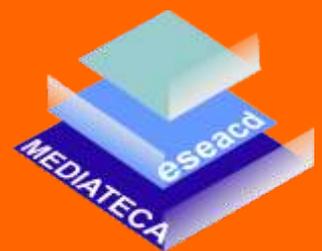


# A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Coletânea de textos de alunos da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte

LEMON  
COM  
SENTIDO(S)  
movimento 14-20 a ler



## A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Coletânea de textos de alunos da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte

Lemos com Sentido(s)

Movimento 14-20 a Ler – PNL

Publicação: Mediateca da Calazans

Organização, notas e prefácio: Jorge Carreira Alves

Marinha Grande – 2020/2021

## PREFÁCIO

Se a Escola é um imenso campo verde de esperanças e sonhos onde nos “verdes anos” das existências humanas desabrocham as flores da arte e do saber, se em cada jovem prenhe de curiosidade há sempre um espírito inquieto de insatisfação, se no constante questionamento do mundo se descobrem os iluminados e coloridos caminhos das artes, se em cada fruto colhido dessas árvores saboreamos pérolas de beleza, que mais teremos nós que fazer, nós, docentes, a quem nos mandaram conduzir essas mentes descobridoras de rebeldias, que mais teremos que fazer que adubar esses campos para que deles brotem com maior vigor as mais luxuriantes árvores das emoções, das artes, da ciência e da filosofia?

É com este espírito que a equipa da Mediateca da Calazans tem vindo a propor constantes desafios aos alunos desta escola, nomeadamente com a realização de concursos de poesia e de conto, ou com outros incentivos à leitura e à escrita, aos quais também não são alheias as relevantes colaborações de alguns professores, nomeadamente de português, que promovem nas suas aulas intensos e profícuos “diálogos” com os escritores mais consagrados da nossa literatura, abrindo assim um amplo caminho de maravilhosas descobertas, o que resulta em muitas e surpreendentes pérolas literárias, produzidas por esses jovens, que nos fascinam pela sua audácia, arrojo e originalidade, algumas das quais publicaremos neste livro eletrónico, um documento que apenas pretende ser um parco exemplo do muito que foi produzido, ao longo do ano letivo transato, pelos alunos da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte, ainda enriquecido pelas imaginativas ilustrações dos alunos do 3.º ano, do Curso Profissional de Design Industrial, cuja colaboração e empenho nesta obra coletiva agradecemos vivamente.

Assim, integrado no projeto “Lemos com Sentido(s)”, organizado pela nossa escola no âmbito de um projeto muito mais amplo, “Movimento 14-20 a Ler”, promovido pelo PNL, nasce esta coletânea, que prometemos enriquecer nos próximos anos letivos com os textos mais originais que nos cheguem, integrados nas diferentes atividades que em cada ano propomos aos nossos alunos.

Como qualquer nota ou comentário aos textos apresentados não os poderiam valorizar, já que estes constituem obras acabadas criadas num momento e num contexto específico, apenas faremos uma pequena resenha do modo como organizámos este livro, tentando criar uma lógica temática, já que qualquer outra forma de organização nos parecia irrelevante.

Em primeiro lugar, iniciaremos este livro com um conjunto de textos que têm em si a própria essência da criação literária a que demos o nome de “Reinvenção do Real”. Em seguida, aparecerá um conjunto de textos mais relacionados com a filosofia a que chamámos “Espelhos do Pensamento”. Numa terceira parte, por não encontrarmos melhor – e perdoem-me os nossos magníficos artistas da palavra por não termos tido imaginação para mais – a que denominámos “Diálogos com os Mestres”. Logo em seguida, encontraremos um capítulo todo dedicado à poesia, forma de expressão literária que foi sempre uma das preferidas pelos nossos jovens para exporem as suas emoções e sentimentos, a que daremos o título de “Palavras encantadas”. Por fim, como não poderíamos fugir ao tema, damos um destaque à pandemia que assolou o nosso mundo e que tanto nos tem atormentado, não se imaginando até que ponto não nos marcará definitivamente no futuro, a que intitulámos “! Covid e o Porvir”/

Como podereis ver, nestes verdes campos povoados de “verdes anos” cresceram frondosas árvores de coloridos e suculentos frutos, pomos saborosos, racimos de néctares olorosos, e talvez entre elas, mesmo aquela árvore proibida e tão cobiçada da sabedoria pela qual ainda andamos a penar e a suspirar!

E, se de frutos se tratam, lembrando o que a imortal Natália declarou. “! poesia é para comer”!

Então, empanturremo-nos de belas palavras!

Jorge Carreira Alves

Marinha Grande – outubro de 2020.

PARTE I

REINVENÇÃO DO REAL

# O HORRÍVEL DIA DE HUGO

Pedro Pinheiro



## O horrível dia de Hugo

Pedro Pinheiro

7:30h- !corda, boceja e dorme0

8:30h - Abre os olhos, enlouquece, repentinamente levanta-se, dá um salto, salta-lhe a tampa, parte a cama no processo e, como se não bastasse, não conseguiu que o despertador se calasse! Foram mais 20 minutos, e chegou ao trabalho0

Até às 8:50h - !bre o carro, entra, tem pouco gasóleo, mas o suficiente0 !rranca à pressa, não pode falhar, foi tão depressa que se foi logo esbarrar! Deslocou uma clavícula, ficou com as canelas a doerem, mal se conseguia mexer e não queria acreditar no que lhe estava a acontecer0 Tinha tudo espatifado, destruído o seu dia, não queria mais, já estava cansado e partido, queria ir para casa e descansar, não ter que lidar com o resto que tinha que se passar0 No entanto, avança0 não quer saber dos danos, do que estragou e do que reparou, daquilo que perdeu e do que ganhou, quer ir para o trabalho para ver se chega a tempo ao talho!

10h - Boceja de sacrifício, foi um alívio ter sobrevivido! Venceu o dia pensava Hugo, até que chegou um recado obtuso0 "Tens a renda em atraso, vais ser despejado!", era a dona do seu prédio! Aquela de que ele não gostava nada, mas desta vez ele sabia que se encontrava acabado0

12:41h - É a esta hora que se apercebe que ainda não comeu o seu atum, a sua sanduíche que trazia, nem se tinha lembrado que a tinha. A sorrir com algum contentamento, enquanto o pano abria, observa a sua vida a passar-lhe pela frente0 Lembra -se de quando levou um pontapé na barriga que o deixou no chão, lembra-se da rapariga de quem gostava que lhe partiu o coração, lembra-se da sua mãe a bater-lhe na mão e a dizer "Não!"0 Lembra -se de tudo e por fim come a sandes que estava completamente destruída0

13:29h (dia seguinte) - Levanta os olhos e apercebe-se que está num quarto de hospital0 Um hospital para doentes mentais0 Bem, um asilo para anormais/ !percebeu -se porque o colega ao lado estava a conduzir o autocarro no quarto onde ele estava, ao que Hugo responde: "Olha a passadeira! Não vês o dragão a passar?!", "Mas que dragão qual quê, aquele ali é o Márcio!" O Márcio era um outro residente desta casa fantástica que, de uma forma drástica, se apresenta e se atira para cima de Hugo.

20:01h - Não tem fome, está rabugento, mas o Vítor não se cala com o vento0 E o vento não o deixa em paz, está sempre a dizer "zás!". Hugo apercebe-se que tinha ficado maluco por ter comido aquela sandes e ter tido o acidente, veio parar a um sítio que o deixa permanentemente dormente. É insólito e não consegue identificar que raio se estava a passar!

22:34h - Já estão todos a dormir e Hugo decide-se despedir0 diz adeus à Lua0 diz adeus às estrelas0 e diz adeus ao Nuno Markl0 "O quê?! Nuno?! Estás por aqui?!", pergunta espantado Hugo/ Nuno não responde e apenas acena com um ar de simpatia e de paz0 É neste momento que Hugo estremece, cai e adormece0 Não, espera0 *Nope*, está morto. De facto, ele não devia ter engolido três galões de LSD0 Oh, bem, é o Hugo, malta, não o que perdura, mas o que salta!

# LOONA 1/3- Sonatine

Dépora  
Francisco



Design: António Miguel

## “LOON! 1/3 - Sonatine”

Débora Francisco, 12º I

Se há alguém encarregue dos mistérios da vida, Beatrice pensa que é esse alguém.

As ruas portuguesas de 1976 são outras, o ar parece mais livre e prometedor, mas a vida de criada doméstica torna-a vítima de tanta opressão como a ditadura agora falecida. O mestre tenta deitar-lhe as mãos, mas Beatrice é mulher de palavra e limpa como se o patrão fosse invisível. No entanto, ela sabe que a patroa é tão atrevida como o marido, deitando olhos e suspiros ao carteiro como se fosse o último pedaço de pão em casa de pobre (Beatrice sabe pessoalmente a luxúria que essa última migalha esconde).

Mas Beatrice não esconde só os segredos do teto tradicional retrógrado português no seu coração, que nutre por França a familiaridade que apenas o seu nome mantém- esconde também um milagre maior que o de Fátima, segredo de todos os segredos, dominado por tal fantasia que se assemelha a desvanecimento absoluto.

A dócil criada ainda se recorda de sobrevoar monumentos aparentemente construídos por extraterrestres na sua curta, mas tão longa existência como uma ave; podia não ser pomba branca, mas era certamente símbolo de liberdade e paz. Com o ar a cortar entre penas e a forte inconsciência de quão frágeis os seus ossos eram, Beatrice era verdadeiramente feliz. Ave que seja ave doce não sente as dores capitalistas, a pobreza e a guerra iminentes- sente apenas o coração, a ternura nos olhos das crianças tão inocentes como ela própria.

Por vezes, esta ama de lar deseja regressar aos tempos antigos, onde nunca sentira a crueldade hierárquica que os humanos impõem sobre o próximo, com tal falta de empatia que mais parece que eles outrora foram os verdadeiros animais e não Beatrice. Ao mesmo tempo, esta tenta não pensar em todo o labirinto ético que envolveria voltar atrás no tempo, especialmente pela condição anterior desta praia lusitana onde se encontra.

É com grande melancolia e discrição que esta mulher decide então trocar a sua possível loucura por um verdadeiro conto de fadas. Enquanto é condenada a esfregar e varrer a troco de sementes de alimentação ao longo do dia, Beatrice aproveita as suas noites para observar as estrelas e a forma como a luz da lua reflete nas penas dos poucos pássaros que voam ainda de volta aos seus ninhos, perfeitas estrelas cadentes no céu que guarda o seu segredo.

Para quem ainda possa duvidar, esta mulher de classe baixa fora realmente uma bela ave- talvez noutra vida, mais um segredo a desvendar. Os seus ossos frágeis e a pena que teima em crescer ao longo das suas costelas esquerdas provam o quão perto do coração esta realidade outrora estivera.

Como é lógico a quem de sua casa é separado, Beatrice sente saudades das nuvens e do seu bando, dos ninhos conjuntos e da fantasia florestal de ser livre, mas dependente da Mãe Natureza. Podemos defender que a sua verdadeira origem era aquela família alentejana que vivia no meio dos vastos campos, escassez tal que, sem a ajuda das empresas agrícolas, nem água para rega e consumo teria. E talvez fosse dessa época que vinha a verdadeira nostalgia do olhar da patroa ao pão que é carteiro que é pão em sacola, não das eras em que o alimento vinha dos parques públicos e da bondade dos hipócritas poderosos.

Beatrice não gosta de pensar profundamente nisso, como toda a criada oriunda do povo gostaria de defender que não pensa realmente nas decisões que toma ou nas palavras que expressa. Se para ser livre necessita de lembrar tempos que não tem a certeza de serem seus para recordar, será exatamente aquilo que fará- sempre lhe vale mais do que perguntar-se porque haveria a sua mãe de fugir de França, país tão delicado, para acabar na miséria que é a boca da Europa.

Talvez seja por toda a confusão dentro do seu coração, que o patrão chamará de delírio (aceitar culpa nos seus toques seria martírio), que Beatrice decide ganhar novas asas e fugir. O piso mal acabado das ruas de Lisboa rasga delicadamente os pés descalços da nova pomba branca, coberta de poeira e maus-tratos. Esta mulher sabe que o seu futuro é relativamente curto sem casa onde trabalhar, mas um dia na rua nunca magoará quem já lá passou meses a fio.

No dia seguinte, o sol brilha de forma diferente, uma perspectiva mais forte que apenas Ícaro experienciara anteriormente: Beatrice encontrara novamente as suas asas, encontrara novamente a sua família perdida, encontrara novamente uma forma de voar em direção ao Jardim Proibido. O entusiasmo de atingir o destino que projetara o mais rápido possível faz todos os seus músculos tremer no sôfrego bater de asas, em direção àquela torre de ferro tão célebre.

Um dia ao longo da história, talvez numa nova reincarnação, Beatrice estará finalmente em Paris. Ligada às suas origens, finalmente tornando realidade a sua favorita fantasia, esta mulher-ave associará então a verdadeira nostalgia ao ligeiro sal nas brisas vindas do mar de Portugal.

A vibrant, high-angle photograph of a person lying on their back in a lush field of white daisies with yellow centers. The person is wearing a blue and yellow patterned swimsuit and a large, wide-brimmed straw hat. Their legs are raised and bent at the knees. The background is a clear blue sky with a bright sun in the upper left corner, creating a lens flare effect. The overall scene is bright and cheerful, evoking a sense of summer relaxation.

# **Dia Dezassete:** **Baek Yerin - Square (2017)**

**Débora Francisco**

**Design: Bárbara Valentão**

Dia Dezassete: Baek Yerin - Square (2017)

(Débora Francisco, 12º I)

Nas terras onde o sol nunca se põe, Hela não dorme nem um segundo. Com o eterno medo daquilo que pode estar gravado no interior das suas pálpebras, esta mulher permite-se viajar pela sua existência sem recarregar energias, naquilo que se pode considerar um crime absoluto à raça humana. Como será possível crer tanto num mistério que acabamos por nos tornar nele?

Nas terras onde o sol nunca se põe, Hela dança descalça na relva. As pequenas margaridas em que tropeça sem qualquer má intenção condizem com o seu vestido, um lençol de seda branca com pequenos sóis de um bravo amarelo. O tecido começa a meio do seu peito, revelando ombros pálidos e sardentos, cobre os seus braços em mangas esvoaçantes e acaba ligeiramente antes do seu joelho. Traços negros adornam a parte inferior exposta das suas pernas, réplicas do seu cabelo preto e escorrido, mas ela não se importa porque o mundo é seu e ninguém a pode julgar.

Nas terras onde o sol nunca se põe, Hela é a única que presenciou o seu dia de ontem (se é que ele existiu propriamente). O sol e a lua estão sempre visíveis naquilo que pudemos considerar o céu: uma tela que mistura lilases e azuis variados, sem limite no espectro de intensidade destas cores. A construção social que é o tempo não tem espaço para forçar a sua importância neste mundo, que pertence somente a uma mulher, deusa da sua própria terra.

Nas terras onde o sol nunca se põe, Hela conta apenas no oxigénio para a consolar na sua solidão. O ar raramente arrefece à sua volta, sendo que ela própria tem a capacidade de o manipular, mas nos “dias” em que as temperaturas descem para os graus negativos, tortura é uma ideia que não escapa ao seu cérebro. Nada ao seu redor tem consistência física suficiente para a abraçar, acalmar o que lhe perturba a alma. O único consolo possível é unir-se aos campos infinitos que compõem o seu mundo, rebolar na relva e nas margaridas até conseguir extrair o mal dentro de si.

No entanto, há “dias” em que Hela preferia não governar esta sua terra/ Por vezes, a mistura dos lilases e dos azuis enoja-a profundamente, e ela reza a si própria pela capacidade de produzir uns vermelhos e laranjas para aquecer os céus. Com um pouco de força de vontade, as tintas escorrem por entre os seus dedos e criam poças aos seus pés em alegria incontrolável- a magia acaba por se revelar temporária e a única solução é imaginar infinitamente, até a paixão pelos tons frios a assombrar novamente.

No entanto, há “dias” em que Hela questiona o que lhe falta nesta sua terra/ Talvez seja um pouco mais de calor, talvez seja mesmo um pouco mais de amor; aquilo que ela sente pelas flores que continuamente pisa sem intenção não é suficiente. A hipótese mais forte na sua mente é a ausência de alguém que lhe escreva poemas sobre o seu valor, que os recite enquanto se sentam juntos debaixo da tela enquanto ela finalmente descai e se torna num céu real.

Nessas épocas, o seu coração aperta com a sensação de nunca ter sido amada. O medo de ser abandonada torna-se repentinamente algo físico, palpável na tensão que rodeia o ar, que continua a tentar abraçar a sua solidão com braços incorpóreos/ O receio cresce e os “dias” com temperaturas negativas prolongam-se naquele espaço onde o tempo não é permitido.

Nessas épocas, o seu coração aperta com a possibilidade de nunca vir a amar. Na hipótese de nunca ser boa o suficiente, Hela recolhe-se ainda mais no seu próprio corpo, encolhendo os seus joelhos dentro do vestido que parece agora engoli-la de uma vez só. Esta mulher conta então os sóis que decoram o seu vestido e repara que o seu número ultrapassa largamente a quantidade de margaridas nos seus campos. As flores imortais começam a falecer, impondo peso nas suas pálpebras.

Por fim, Hela reconhece que não é indestrutível. Os campos onde o sol nunca se põe e onde este convive todo o tempo inexistente com a lua tornam-se finalmente vazios, agora que esta se apercebe que governar terras de ninguém não é tarefa para alguém.

Por fim, Hela reconhece que não é invencível. A sua vida sem sono parece ser injustificável, visto que não há nada pelo qual deva esperar acordada.

Por fim, Hela reconhece que não é inútil. Os campos onde o sol nunca se põe e onde este convive todo o tempo inexistente com a lua podem vir a ser algo de novo graças à sua magia, fortemente presente nas suas veias e artérias, produto líquido da sua vida.

Por fim, Hela reconhece que é indispensável. A sua vida sem sono pode vir a ser justificável, se utilizar a sua imaginação para mudar a realidade que a rodeia.

Quando esta mulher voltar a abrir os olhos, a tela de lilases e azuis e os campos verdes ocasionalmente marcados de branco e amarelo terão desaparecido. Pela primeira vez desde que os deuses a trouxeram à Terra- não à sua terra, ao planeta Terra, com letra maiúscula- Hela permite-se disfrutar de um sono mais mágico do que outrora ela mesma fora. Ao acordar, o seu corpo despido do seu vestido (mas não dos adoráveis riscos pretos nas suas pernas, graças a tudo o que é sagrado!) é aquecido por um outro corpo que jaz ao seu lado.

Por vezes é preciso mais do que sobreviver para alguém se qualificar como humano no sentido completo da palavra: é preciso realmente viver, cometer erros e aprender com eles, questionar a realidade em que vivemos e mudá-la se não nos agrada. Mas, acima de tudo, é necessário amar e ser amado, confortar e ser confortado, ouvir o quão vasto é o nosso valor intrínseco neste mundo.

Hela aprende a sobreviver em harmonia ao abraçar toda a paleta de cores frias e quentes que contrastam e tornam o mundo naquilo que ele é; Hela aprende a viver plenamente ao abraçar todo o corpo que alcança, tanto o seu como aquele que se atreveu a finalmente compor e citar um poema em sua honra.

# Disappear

Débora Francisco



## *Disappear*

*Débora Francisco*

Todos os humanos sabem da antiga existência das máquinas, mais poderosas do que qualquer animal algum dia será. Alguns dos idosos que por volta das guerras de 2120-2150 eram jovens aterrorizados contam com melancolia indistinguível quão avançadas as tecnologias se tinham tornado e o porquê de terem sido exterminadas – Gisele encaixa no grupo, se subtraímos o terror.

No início dos anos 2000, a ideia de que o estudo de inteligências artificiais era perigoso já era algo relativamente regularizado. Os filmes sobre humanos robotizados e máquinas tornadas independentes acumulavam-se no mercado e eram digeridos pelos consumidores com espanto e entusiasmo equivalentes à adrenalina de um verdadeiro filme de terror.

Apesar de todos os avisos inconscientes, ao virar de 2100, tudo mudou de forma surpreendente.

As construções das primeiras vias aéreas decorriam sem qualquer preocupação, sempre documentadas nos telejornais locais e nas redes sociais pelos cidadãos que, fascinados com as qualidades divinas da raça humana, observavam rigorosamente todos os movimentos efetuados pelos trabalhadores robóticos flutuantes. Estes eram controlados a longa distância por técnicos e arquitetos, peritos na construção civil que tinha sido absolutamente alterada pelo ritmo extremamente elevado de inovação tecnológica.

No espaço de dez anos, não só estavam já as vias completas, como também estavam os novos aviautomóveis em circulação. Os andróides construtores foram adaptados de modo a obterem autonomia suficiente para controlar a nova forma de trânsito, supostamente menos poluidora que os automóveis terrestres (tudo o que é novo tem de ser melhor afinal de contas, nem que seja apenas até aparecer algo mais caro – isto é, melhor ainda).

Como é óbvio, sempre que há desenvolvimento à face da Terra, apareceram grupos convencidos de que o antigo era melhor. Desta vez, esses grupos não eram liderados pelos normais adultos paranoicos – os adolescentes revolucionários tinham encontrado os clássicos de 2000, uma nova onda retro começara.

Gisele não era líder desta comunidade, nem uma total radical do grupo de que duvidosamente fazia parte, mas era importante o suficiente para ser personagem principal deste reconto. No ano de início da guerra, a nossa heroína tinha 20 anos acabados de fazer. Passara exatamente uma semana desde o seu aniversário, mas o clima de pânico estava já geralmente estabelecido há um mês. Os andróides andavam descontrolados; nem os computadores nem os carros pareciam cumprir as suas funções quotidianas.

Quando o dia abateu, já todos o esperavam. O céu deixou de ser o quadro abstrato de riscos de casual azul, miraculosamente distinguíveis entre aviões e aviautomóveis em circulação constante, e tornou-se uma mancha negra de nuvens robotizadas – um exército pronto a atacar e sem outra ideia em mente, ou aquilo que pudemos categorizar como tal num dispositivo artificialmente inteligente. Por mais que tentassem controlar as suas antigas obras-primas, os especialistas não encontravam maneira de evitar as *firewalls* de defesa interna que as máquinas haviam construído para si mesmas.

Durante trinta anos, os humanos viveram no caos completo. A destruição manual de tudo o que era mecanizado demorava tempo, muito mais do que se tinha inicialmente calculado. O pior de tudo foram as baixas inesperadas, mártires que desapareceram às mãos dos monstros que eles próprios criaram, mas dos quais nunca assumiriam paternidade.

No final de tudo, o maior horror foi terem de se aperceber de todo o amor e respeito pela Natureza que tinham perdido. Campos inteiros de cultivo tinham simplesmente desaparecido e poucas eram as pessoas que ainda se lembravam da verdadeira ruralidade sustentável, da vida que os seus antepassados tanto tinham criticado até ao extermínio.

Por volta de 2145, os governos uniram-se numa conferência que duraria com intermitências até ao final da Guerra. Foram redigidas leis sobre a total aniquilação de qualquer forma de tecnologia, anunciando a sua reconstrução lenta por razões de segurança. Todas as comunidades deveriam regressar à ruralidade – este fora o maior choque para todos, ver um homem de aspeto superior na televisão a admitir que não só terminaria o próprio meio de comunicação em que discursava, mas que todos deveriam voltar à autossuficiência. A economia deixaria de existir, todo o mundo mudaria.

Embora ainda relativamente incrédula, Gisele sorria pela primeira vez em décadas.

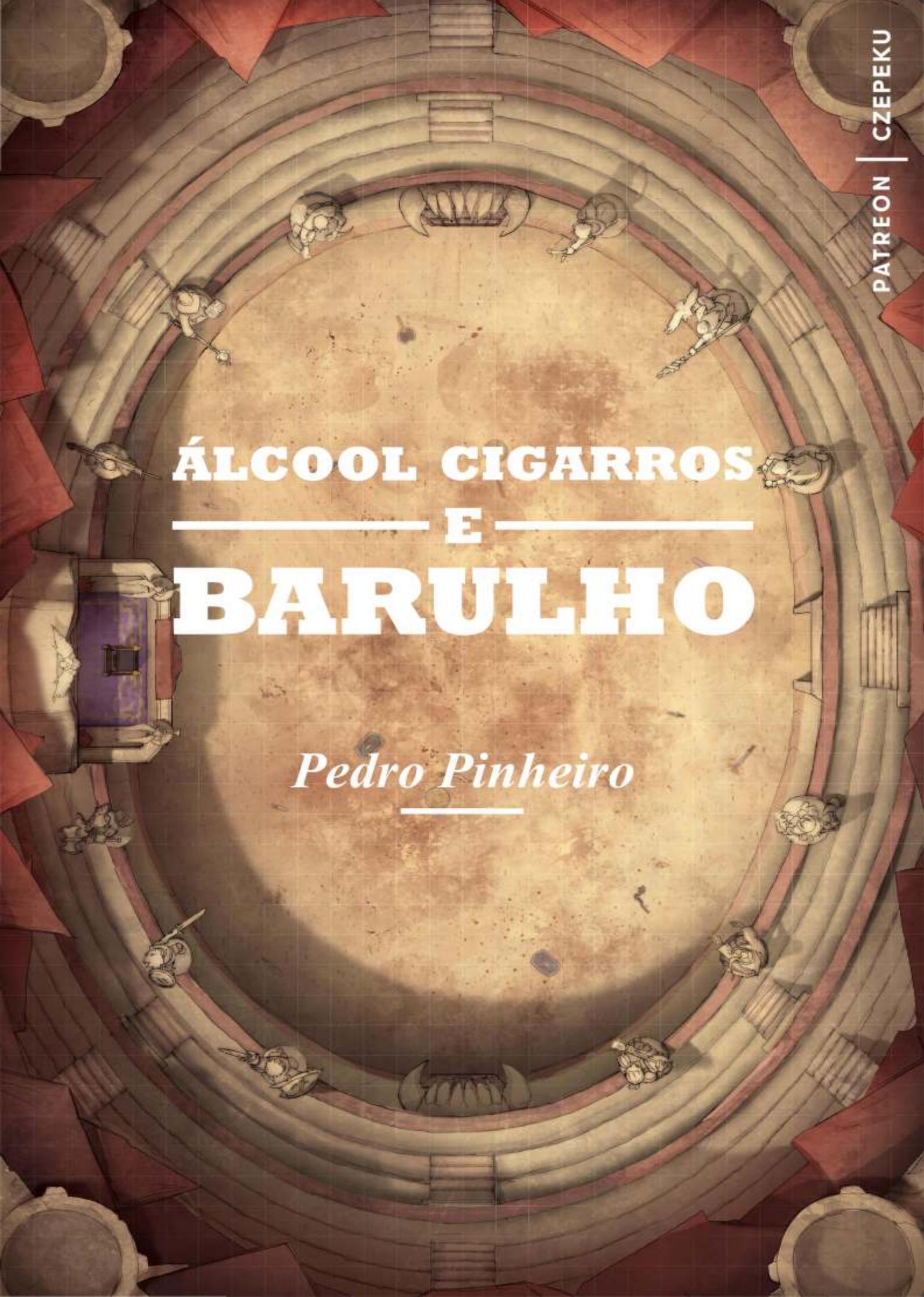
Os diários da sua bisavó estavam organizados por data de entrada em cima da mesa de vidro negro que Gisele herdara da sua mãe, cobertos por pó e marcas dos dedos curiosos que tinham percorrido todas as aventuras daquele mundo inalcançável que iria agora regressar.

Gisele conseguia já sentir a erva a roçar nas suas canelas, parcialmente cobertas por meias de algodão branco. As entradas da sua bisavó expressavam um mundo mais doce, em que o povo tinha maior consideração por outrem – se falavam também em tempos de fome e miséria, ela não tinha compreendido muito bem do que se tratava.

Então, aos 50 anos de idade, Gisele observou arranha-céus de cem andares a serem abolidos consecutivamente, viu terras abandonarem o seu castanho e cinzento da destruição guerreira e florirem em verdes e brancos, uma promessa no horizonte. A nossa heroína sentia novamente ter 15 anos: ver todos aqueles filmes de conspirações, ser testemunha do horror que a humanidade tinha provocado em si mesma com as suas manias perfeccionistas.

Aos 80 anos, feliz na sua solidão, acompanhada pelo seu gado e pela sua casa de madeira plantada no meio das searas, Gisele fecha os olhos para dormir uma última vez.

O seu derradeiro sorriso suspira por entre paredes com reboco descascado, perfeitamente consciente que, tal como ela desaparecerá em breve, ossos tornados poeira, também o resto da humanidade o fará; e, no caso de regressar a este mundo, será dominada novamente pela tecnologia e observará todos os novos fenómenos desvanecerem até ressurgir novamente a natureza e mais um ciclo se dar como completo.



**ÁLCOOL CIGARROS**  
**— E —**  
**BARULHO**

*Pedro Pinheiro*

## *Álcool, Cigarros e Barulho*

*Pedro Pinheiro*

Neste vasto império mundial, no Romano Império é onde esteve esse mortal. Presenciou o que o barco transportava, de tanto que havia, faltava animal! Consumia de tudo bastante, chegaria a ser preocupante se esse homem trivial não se estivesse a comportar como um anormal degenerado, fechado e aprisionado pela sociedade no coliseu romano onde pagou para combater até ao amanhecer. Lutou e guerrilhou contra inimigos diversos, era difícil a batalha, pois não tinha nem uma navalha para se defender, era óbvio que ia perder! Isto se o inimigo fosse de carne e osso, e não apenas parte de um todo oco, plausível, mas esquecível e irreconhecível a não ser por uma mente consciente.

Era o medo, a raiva, a tristeza, a agonia, que com a bebida o "alívio" de ter que ceder perante este mundo dilacerante! Mas de pouco adiantou e o mesmo não respeitou o seu corpo nem a sua alma! Deixou-se levar por tudo o que se estava a passar, quis continuar sem desistir, esforçava-se para sorrir e por fazer os outros rir. Alguém estava mal e triste, esse bom homem, de verdadeiro cavalheirismo, não cedia perante o expressionismo do medo de conhecer alguém novo e estranho, ao invés, sorria para alguém que muito provavelmente nunca lhe iria fazer tão bem como o próprio acabara de fazer acontecer.

Não era nada de mais, era apenas a essência de esse homem que não desaparecia por mais que o medo, a bebida, os cigarros e o barulho se instalassem nesse ser, ele nunca se iria desvanecer! Pelo menos não ainda!

Não tardou muito mais a que o cansaço e a repetição da ação se instalasse nesse homem que se tinha desbravado por uma noite de afazeres intermináveis, de aventuras e desventuras, de prazeres e desprazeres, de trocas de olhares que aos pares acabavam com o espírito do homem que procurava os "bem-estares". Sentou-se, respirou e aguardou, era a pausa tão esperada que nada se comparava a um resort de luxo num país rico e tocante onde se tivesse que pagar um montante exorbitante para apenas se entrar na presença de alguma simbologia de "paz".

Olhando para trás, o mesmo concluiu que nunca lhe tinha sido dada tanta importância como o próprio havia dado em toda a sua vida/ Nada tinha mudado desde que tinha chegado! Não havia a mesma consideração nem o mesmo afeto que igualasse o daquele sincero coração, mesmo que este homem o encontrasse, decerto não seria esse que ficasse! Um paradoxo ambulante, um montante antitético tão deslumbrante como uma contradição feita por um ignorante messias que expõe a sua vida num tom de ira, um perfeito oxímoro que diz não ter oposição em si, é esse sim o homem mais ignóbil que viria batalhar ali.

Estúpido e parvo, atrasado com atraso na alma, é esse o otário que a partir do fracasso havia vencido o seu medo! Não o matou nem chacinou como bom animal na caça à sua raça, mas sim como um humano amedrontado que por denunciar o seu medo, em seguida o aprisiona e condiciona. Não quer ver o seu Império arruinado por algo que deu a quem o aproveitou e o piorou, fez crescer e maior se tornou, agora esse homem vê-se obrigado e terminado a dizer "!cabou!"/

Com o acabar e após o uso dos instrumentos ao luar, o álcool, os cigarros e o barulho combatem o tédio, o stress e o silêncio, tornando o homem animal e obediente.

Torna-se inconsciente e dormente. O medo cai com ele para as profundezas do seu ser. Sem nada a temer, mas porque teve algo a perder, procura deserdar as emoções que felicitaram e magoaram corações0 Em que o dele sofreu as maiores e piores dilacerações0 !gora em convulsões de angústia e desânimo, sem querer nem poder confiar naqueles em que amizade se pode verificar, volta à velha e cruel amiga solidão, enquanto diz não à mais vil inimiga do coração0 ! vida vívida deste homem que teve que dizer "Não"/

# A relação sexual entre uma abelha e um arame farpado



Pedro Pinheiro

Design: Mafalda Sueli

## A relação sexual entre uma abelha e um arame farpado

Pedro Pinheiro

É algo visto por poucos e sonhado por nenhuns. Relembrado no esquecimento e ausente no presente. Não é possível, mas sim falível este tipo de pensamento, pois seja a lógica que se aplique, não se fará nenhum clique num cérebro atento. Por isso é que a razão da criação cairá em desuso e, a partir da observação por um ângulo obtuso, encontrarei (intentarei, pelo menos), o estranho fio condutor, que só não romperá neste processo de esclarecimento devido à mente do momento estar contorcida, tremida e vamos ver se não ficará esquecida ou destruída/ Começemos então

Nada demais se poderá afirmar em contradição para com aquele par de pasmar que dá a constante lição do que é amar! É fugaz o amor daquele par estranhíssimo à dor! Possuem um ardor ardente que faz doer o dente a quem intente morder o fio da relação, seja ele feito de latão ou não, não quebra não! Para tal visão não se imagina a vida fina destes dois amores em união, pois a própria mente humana traz na sua criação a neblina que prende a razão.

A mestra do voar, não consegue parar, tem muitos afazeres, muitos compareceres e muitos pousares. Não gosta de ficar quieta e tem de arrancar, porque se não a Margarida, a Magnólia, o Milefólio, a Mimosa e o Miosótis, perdem a compostura (como se a tivessem), aumenta-se-lhes a temperatura (acho impossível, mas muito bem) e põem-se em má figura (são flores0)/ (Olha lá, mas quem és tu para estares a fazer comentários? Uhm? Sim tu, quem és, ó maltrapilho comum? Eu0 eu sou tu/ De que parte de mim? não da boa de certeza0 Sou da melhor parte. sou a tua melhor razão. aquela que te aconselha para não tomares uma horrível decisão. Ahhhhh e que é que fazes aqui? não leste o início deste texto? Li pois. E porque é que te intrometeste nele? Porque tinha de expressar que tudo isto não faz sentido nenhum. E tu não achas que eu sei disso, foi precisamente por essa razão que te pus de lado. Mas porque é que continuas a escrever acerca disto, Vontade? Ora, porque quero ver onde isto vai dar0 quanto muito, apetece-me escrever! Só porque alguém o fez não o tens de fazer também. Não é por isso que o faço, nem sei como o fez! E se o soubesses continuavas? Não, mas depois de escrever até aceitava. Não deverias estar a fazer outra coisa, ou deixares-me a mim pôr a mente a estudar? Pffttt, nahhhhhhhh deixa tar, o puto quer escrever! e acho que vou ser eu quem vence este extenso escrito. Muito bem, mas não me contamines com essas irrealidades.)

Já o namorado não é assim. Este gosta de se ficar pelo jardim, não é de se mexer, quer ficar antes a esmorecer ao sol enquanto perde a rigidez de vez. É mais calmo, não sonha nem em viajar. Quer antes ficar-se estendido pelo pomar! Vê muitas abelhas a esvoaçar, mas apercebe-se que nenhuma delas é a sua Pluma. Sabe-as distinguir de cor! Não precisa de olhar duas vezes para perceber quem é a sua Pluma Menezes.

É um amor voador, que não possui nada de limitador, não há inveja nem cobiça, quanto muito haverá preguiça. No entanto a própria se desvanece e, enquanto o dia escurece, cresce a ansiedade impulsionada pela vontade nos dois corações tão amados, pois é com o cair da noite, na sombria situação em que a beleza do pomar está repleta de escuridão. São as mais belas luzes dos pirilampos que atraem e descem pelo ar, no simples ressoar do som que faz com que se queira sonhar numa paz melancólica mas com esperança de se reavivar uma branda chama que fará aquecer todo o ser que se dê a conhecer!

As almas enamoradas aproximam-se e partilham a casualidade da noite, estão tão comprometidas que, se olhadas ao longe, a indistinção é impossível. Estavam juntas no seio do pomar onde se estavam a amar. Era a coisa mais enleada de se ver, um zumbido apenas com o contemplar do ser que voa enquanto o outro fica estagnado e parado.

Vítor Ferro a esbanjar de curiosidade pergunta à sua querida companheira0 (Espera, espera, espera, então eles agora falam? Vão falar, ainda não falaram, Razão! Mesmo assim, achas isso minimamente correto? O quê, fazer um arame farpado falar com uma abelha? de facto, acho melhor parar antes que alguém morra. Otário sarcástico. Intrrometido de Tirso. Mas o putro não vai ficar bem da cabeça depois deste texto estar escrito, vou ter de reorganizar tanta papelada0 Eu depois ajudo -te com isso, Razão, mas agora deixa o miúdo fazer o que quer! linda me vou perder no meio de tanta folha0) "Por onde é que andaste hoje, Pluma?", com um ar a cair de sono, a mesma responde com um tom mono "Esvoacei por aí, não é que te interesse muito, visitei os velhos amigos que já conheces." "De quem já ouvi falar, sim, mas não viste nada de novo?" "Ó Vítor, quero ir dormir, estou cansada." "Está bem, dorme bem, Pluma" "Tu também, Vítor"

Com isto, a estrondosa noite de bailados flamejantes e eletrificantes promovidos pelos pirilampos brilhantes chega a um final solene, terno e quase triste, decepcionante se tal fosse necessário dizer. Porém uma nova manhã nasce, as energias estão recuperadas e a vontade é levantada!

"Vou dar o passeio do costume, Vítor, esperas por mim para o pequeno-almoço?" ainda muito sonolento e quase sem vontade, o velho Ferro responde com pouco alento "Sim, sim0"/ Num zás, a abelhinha sobe pelo ar a perfurar o mesmo com uma velocidade brutal, estava cheia de querer que tão cedo não se iria desvanecer!

Entretanto, no cerne do campo manso, brando encontra-se Ferro, este passa o tempo a contemplar se deve continuar a dormir ou se deverá finalmente acordar. Por fim lá se resolve a fazê-lo e, não, não foi tomar o pequeno-almoço (É um pedaço de arame farpado, queriam que fosse comer o quê? um pouco de níquel acompanhado com óleo, não? tenham noção!) não tinha fome, não estava animado para prosseguir com o dia (Oh sim! o arame farpado agora tem um incontestável poder de decisão, que por sua vez é parado por causa da preguiça que se mantém nele. puramente estúpido!) mas por muito que não quisesse sentia-se na obrigação de voltar ao trabalho de proteção! (Mas que proteção! é um arame farpado num campo agrícola com umas quantas flores e árvores de fruto! vai protege-las do quê? de um esquilo que acabou a tropa e foi mandado para esse campo para guerrilhar contra as árvores, é? sinceramente, não me espantava se isso ficasse escrito0)

Após ter terminado os seus afazeres, Pluma regressa para o pé de Vítor onde pousa em cima do seu colo. (MAS. QUE. COLO. é um arame farpado! por favor para de escrever sobre isto, Vontade! Mas tu não vais para de me chatear hoje? Não! o que estás a fazer é uma perda de tempo que não tem lógica nenhuma! Para mim tem lógica e não sabes se para quem está a ler também não terá! Sei, não tem, ninguém com metade de cérebro vê lógica alguma nisto, apenas para! Não! não vou parar! Porquê? onde é que queres chegar com isto? Não sei, mas não quero parar! Okay, deixa-me ajudar-te então, pode ser? O que é que queres fazer? Dar um rumo final a isto. Como assim? Vê só!) Vítor, ainda amolecido pelo sol entristecido, menciona "Pena estarem a vir umas nuvens negras chatear a gente no que era uma linda manhã, não?" "É mesmo, mas pode ser que para a tarde já passe!". Com o dito proferido, ambos caem na simultaneidade (Hmmm0), ficam paralisados no momento e contemplam o tempo quente,

mas enublado0 Ficam assim quietos, estagnados, petrificados com alto agrado, pois apercebem-se que, numa realidade irreal, os dois foram mais reais do que os habituais mortais (Ohhhh!). Mais amados um pelo o outro, envolvidos num amor surreal e sentido, pois foi o fogo que queimou o latão e encheu o seu coração de amor, assim como foi o vento que fez voar o enorme sentimento que levou Pluma a amar!

Com isto em manuscrito, é com o aplauso final que se encerra esta fantasia magistral, que, por ter sido escrito e reescrito, a Razão e a Vontade voltaram a confiar no cérebro deste animal que escreve sem mal/ (Então0 mas isto não faz referência ao título0 E tem de fazer, V ontade? achas que tem? Não, mas é uma desilusão, não achas? Não tenho de achar nada, quem tem de achar é o leitor!)

Em final finalizo o finalizado, digo que foi um dado lançado a um tema impossibilitado, ausente de perceção, uma dinâmica sem explicação, algo que apenas pode ser um "não", que não é um sim e que por isso tem este fim. No entanto acho interessante, pois mesmo com uma adversidade tão estranha como a de inventar algo que não causasse preocupações, não pusesse implicações nem deliberações, sorri face ao desafio e levei-o na seriedade do riso de quem sonha e quer alcançar, pois mesmo que não o alcance à primeira, que tente até fazer parte da Bandeira!

# Sem título

C. L. Alves (pseudónimo)



Sem título  
C. L. Alves (pseudónimo)

Acordei com o som de um telemóvel a tocar. Deslizei o meu dedo pela tela assim que me apercebi que era o meu e voltei a deitar-me quando o toque, absurdamente alto e irritante, parou de soar. Não por muito tempo, infelizmente. Dediquei-me ao trabalho de olhar para o ecrã e resmunguei quando li a palavra “Mãe” exibida nele/

- Denise! - Foi a primeira coisa que ouvi quando atendi, algo de que imediatamente me arrependi ao ouvir a voz que transbordava de impaciência. - Já te estou a tentar ligar há meia hora! Onde é que estás?

Notei que a minha mãe soava, para além de impaciente, preocupada, um leve desespero à beira da voz. Ela sempre foi assim, stress era algo contagioso quando vinha dela, sempre aflita por tudo e por nada/ Desta vez, no entanto, algo parecia diferente/

- Em casa, a dormir! São... - Olhei para o relógio na mesinha de cabeceira, na esperança que a escuridão total não refletisse as horas. Mas claro que não poderiam ser dez da manhã, ou nove sequer. Quando se tratava da minha mãe, acordava-se sempre às 0 - seis da manhã. Esperavas o quê?”

Ouvi um suspiro do outro lado da linha e, apesar de não a conseguir ver, imagino que estivesse a massajar a testa. – Que estivesse pronta para ires á consulta que te marquei faz duas semanas, Denise. – Disse ela. – Ou pelo menos acordada. Era isso que eu esperava.

- Ah. – Falei, eloquentemente. Silêncio. Desculpei-me pelo esquecimento, sabendo bem que, apesar de tudo, ela já estava habituada. Após combinarmos de nos encontrar na clínica, desligámos. Encarei o telemóvel na minha mão como se me tivesse pessoalmente ofendido, irritada comigo mesma.

Levantei-me e fiz a minha rotina matinal, esforçando-me um pouco por parecer bem. Prendi o meu cabelo numa trança e vesti-me melhor do que o costume, antes de caminhar até á cozinha. Comi o meu pequeno almoço em silêncio, um silêncio que, por alguma razão, me incomodava, e depois de juntar os meus pertences, dirigi-me á porta. Estava prestes a abri-la, quando senti uma mão no meu ombro.

- Parabéns, aniversariante! Bom dia para ti também. Já querias sair sem mim? - Teria feito um arremesso de ombro caso não tivesse reconhecido a quem a voz pertencia. Quando me virei, começou-se a rir, da minha cara horrorizada, suponho.

- Will! Ia tendo um ataque cardíaco, não te rias! Nem te ouvi a sair do quarto, credo. - Esperei que parasse de rir, fazendo questão que me visse revirar os olhos, para continuar. - Obrigado, mas olha, vou só a uma consulta, não precisas de vir.

- Claro que vou! Não te vou deixar sozinha no teu aniversário. Eu prometi, lembras-te? - Exclamou ele com entusiasmo. Treze anos e ainda não conseguia perceber como é que alguém podia estar tão bem-disposto de manhã.

- Não, que ideia. – Respondi, sarcasticamente. - Estavas-me sempre a chatear. Eu ia só com a minha mãe, mas já que estás pronto.... Tens tudo sequer? - Ele apalpou os próprios bolsos e assentiu com um sorriso. Abri a porta e acenei com a cabeça para que saísse. – Então anda, vá.

- Tranquei a porta e seguimos no nosso caminho.

- Como vai a Nicole? Já não a vejo a algum tempo. - Normalmente não gostava de conversa fiada, mas com o William nunca realmente me importei.

- Porque é que não lhe perguntas? Vamos ter com ela e estamos literalmente quase lá. – Brinquei. Fiquei um pouco confusa quando não disse nada e roubei um olhar, notando que contemplava o chão como se fosse algo deveras interessante. Suspirei. - Eu acho que ela está cada vez mais preocupada comigo/ É um pouco sufocante para dizer a verdade/ Mas, tu sabes, mães são assim.

- Pois0 Eu sei/ - E ficou-se por aí.

Quando chegámos, ele impediu-nos de entrar e encarámo-nos. Eu quebrei o momento primeiro e sorri. – Queres tirar uma fotografia? Dura mais.

Ele sorriu de volta, o tipo de sorriso que até me faz sentir que podia sobreviver na antártica se pudesse ter apenas o calor e o afeto que irradia, e abraçou-me, de repente. Surpresa, demorei um pouco para processar o que aconteceu, abraçando-o de volta lentamente. Senti o meu ombro ficar húmido, mas decidi ficar calada e mexer no seu cabelo curto e suave. – Desculpa0 - Sussurrou.

Acenei com a cabeça que não fazia mal e apertei-o nos meus braços uma última vez antes de o soltar. Quando entrámos, vi a minha mãe e sentámo-nos ao lado dela. Franzi as sobancelhas pelo silêncio que se instalou e olhei-a.

- O que é que se passa entre ti e o Will? Vocês nunca se calam quando estão juntos, ele até perguntou por ti. – Sussurrei-lhe. Parecia ponderar a sua resposta, o que por si só já era invulgar visto que ela dizia sempre o que lhe vinha á cabeça. Encolheu os ombros, por fim.

- Nada. Ele deve estar cansado por ter acordado cedo esta manhã, e eu não o quero perturbar. – Decidiu. Fiquei calada, mas olhei de soslaio para ela.

Quando chegou a altura de entrar, William ficou fora do consultório. Ele não chegou a dirigir uma única palavra á minha mãe, ou a minha mãe a ele.

!s perguntas que me foram direcionadas foram0 estranhas, no mínimo/ Tentei conter a minha frustração quando ele ordenou que saísse, mas ficou evidente pela maneira brusca como abanquei próxima de William.

- Não acredito, que lata. – Pausa. - 0/ Achas que devo tentar ouvir? Vou ouvir.

Ergui-me e senti-o fazer o mesmo. Ele dirigiu-se á sala de espera sem mais palavras, parando a meio para se virar e dar-me um último sorriso. Triste, notei, mas não falso. Nunca falso.

Encostei-me á porta e fechei os olhos, tentando decifrar as vozes abafadas, apenas ouvindo frases cortadas. - 0!mnésia Dissociativa, o cérebro bloqueia0 Mas algo não está certo0 Não é suposto haver interação entre0 - Silêncio. - Eu não acho0 possa fazer/ Desculpe, Nicole/ É melhor que a deixe0 - Afastei-me da porta rapidamente ao reconhecer que o som se tornava cada vez mais nítido á medida que as vozes se aproximavam. Sentei-me ao lado de William, que fitava a televisão intensamente, e decidi passar os meus olhos por ela, apenas para imediatamente os sentir presos na tela. O meu batimento cardíaco abrandou e os meus ouvidos encheram-se com um zumbido agonizante.

- *encerrando o caso e a busca pelo corpo da vítima, desaparecida por duas semanas, William Gomes; Foi dito que se encontrava*

Olhei para o lado, visão borrada. Não estava lá ninguém.

## PARTE II

### ESPELHO DOS PENSAMENTOS



# Todas as vozes

Pedro Pinheiro

“Todas as vozes”,

Pedro Pinheiro, 12º I

Ressoando na cabeça, fazendo querer que escureça quando se tem o conhecimento de que tudo é uma experiência, está mais estranha aos olhares mais conscientes e presentes no momento. São as várias vozes que querem que gozes, trabalhes, falhes, sucedas, esqueças, lembres, relembres, adormeças e acordes ao som de acordes bem feitos e reconhecidos por um manipulado par de ouvidos.

Dão-te a "oportunidade" de viver, fazem com que te tenhas de te submeter a um sistema que foi feito para te ver perder. Querem para si tudo, "não interessa o outro desde que EU não sofra!", querem mais e melhor, nem que para isso os outros fiquem cada vez pior!

São a hipocrisia encarnada, o minotauro revoltado com crises cíclicas de violência reutilizada. Inconformados com o bem-estar dos demais, em vez de os matarem, tratam-nos como animais!! Querem que tudo se submeta a eles. Que sejam todos deles! Não pensam em ninguém como alguém, desrespeitando o que daí advém!

Se unidade e força conjunta daí se esperaria, caberia à razão fazer essa afirmação. No entanto não é o caso, visto mesmo que os que sofrem preferem acreditar que haverá uma outra solução para além da resistência com violência. Uma solução pacífica, algo que transmita a perfeita união!

Com tantas estas injustiças, tantos maus-tratos, abusos, sofrimentos descabidos, injúrias sem sentido, irreverência constante numa espécie super-irritante! Que se diz capaz de razão, compreensão, união e afeto! É tudo uma farsa! Ninguém é puramente puro, tem de ter algo obscuro em si, para existir aqui neste mundo.

O mais engraçado de tudo isso é que ainda se tenta manter o siso! Como se não pudesse, ou não devesse haver riso! É estupefacta a nossa ignorância como espécie! As nossas anormalidades anormais que convidam os demais a olharem para nós e a julgarem-nos dizendo entre uns e outros "Este está endoidecendo!".

Como se eles também não o quisessem fazer! Não podem, têm mais que querer! Pelo menos assim o sentem e pensam! Na realidade, somos todos doidos, e, como doidos, podíamos muito bem rir com o que advém da nossa doçura-loucura!

Não percebo por que é que havemos de nos criticar por uns gostos ou desgostos! Cada um tem a sua piada, o seu humor, a sua raiva, a sua individualidade! Julgar alguém por ser único é estar a gozar consigo mesmo por não saber reconhecer aquilo que o faz viver! É como se negasse uma parte de si que tem medo que venha ao de cima! Como um outro "ser" a viver dentro de si e a querer conhecer o mundo! Mas o que o nega não deixa existir, diz que é impróprio e desajustado o comportamento, para um mundo tão "civilizado" como o nosso.

São as várias vozes que falam entre os demais. As esquecidas, rejeitadas, as adormecidas, as contempladas no pensamento, mas que nunca aparecem realizadas! Isto porque o ser humano tem medo de se descobrir mais e melhor! Medo de ser 100, ficando por 50 (se é que a isso chega). É se criticado por não saber o suficiente e também por se ter demasiado pensamento! Não pode ser oito nem oitenta, senão a balança rebenta! Temos de ser consistentes e

conscientes nas atitudes e cuidados que temos, para que não influencie muito os comportamentos.

Conversa enganosa e deturpada que é proliferada por homens engravatados que procuram o total controlo de um mundo incontrolável! É simplesmente absurdo e com este exemplo se vê o maior maluco que o mundo pode albergar e dar a conhecer!

São estes os verdadeiros malucos que também são julgados por aquilo que fazem. Mas há uma diferença! Estes são pagos para serem malucos/ Têm cargos que invocam a maluquice diariamente e se riem para a gente!

Enquanto que os demais são postos numa casa própria para corrigir um comportamento incorrigível! É apenas uma forma de que estas pessoas não prejudiquem a sociedade nos seus hábitos e conformidades, as fracas noções que suportam o mesmo sistema partilhado pelas várias nações.

Estas são as minhas, as vossas, as de todos! São as vozes dos povos do povo desta raça estranha, a descobrir-se e que por muito se planeie, haverá sempre um imprevisto, um longo siso transformado num curto, mas exorbitante riso!



Livro Primeiro  
**CONFISSÕES DE SANTA LÚZIA**  
Diogo Heleno

# Confissões de Santa Luzia

*Diogo Heleno*

## Livro Primeiro

João agosto (pseudónimo)

*E se o crente só crê no que lhe é proveitoso, eis a subversão do Mundo. Transforma-se o credo no crente. E do crente nada mais se espera do que se justificar no credo.*

Ouvi-me, ó meu Deus! Ii dos pecados dos Homens! É uma mul her, «eu, pó e cinzas<sup>1</sup>», que assim, nese pranto, se dirige a Vós/ Compadecei -Vos, Senhor, pois sois !quele que a criou e não aos seus pecados/ Confessar-Vos-ei, Senhor do Céu e da Terra, louvando-Vos e falando à Vossa Misericórdia, procurando o caminho da Salvação/ Começarei não pela alvura da vida, como manda a lei natural, mas por aquele lugar que supera a cessação inresaurável/

Eis que em Siracusa Vós me impelises a dizer orações junto ao sepulcro de Santa Águeda de Palermo/ Ili sobre as lajes, vies es ao meu coração e inebriases minha alma, tomada em êxtase/ Vi a imagem da Virgem Santssima e dos Catorze Santos !uxiliares, todos juntos, todos um, à vez proferindo a Palavra do Senhor, plena de !mor e de Verdade/ Sobre eles, Vós derramáveis o Espírito Santo/ Mas criase -o excessivamente resplandecente, distngui -los não pude, porque a santa lâmpada atrás deles radicava, terminando eu por rogar a Vós que a Bem-!venturada !sembleia não me requeresse a nomeação de cada uma daquelas sombras, que precariamente ouvia, pois dizia súplicas para que as resposas do um -dó-li-tá não saíssem transviadas, sob pena de indicar um apelido ao santo a que não pertencia/ Mas, ó meu Deus, ó Conhecedor de mim mesmo, ó !rtfcie do mundo, como pude eu incorrer em tamanha fa lta? Violei a relação que exista entre Vós e eu mesma, quando, ao despertar daquele arrebatamento, tomada pelo pecado diabólico do ócio, não entoei “!men ” ao Nosso Senhor Jesus Criso/ !mar -Vos-ei, Senhor, dar-Vos-ei graças, pois perdoases ações tão más e tão indignas e impelises -me nesse momento a tomar a resolução de rejeitar o credo aos ídolos da mitologia impura/ Nesse dia, consagrei-me a Vós, Senhor Jesus, e ofereci-me como Vossa eterna serva, ávida por adorá-Lo sempre/

---

EO ó eterna Glória, ó Luz ru tlante, ó Éter lusral, ó Beleza, onde Vos encontrei para Vos poder amar tanto e tão convulsivamente? Que mereci eu para de Vós receber a bênção de Vos mosrardes a meus olhos? Sois sumamente bom, porque piedoso/ E piedade foi o que me mosrases quando D iocleciano decidiu pelo meu martrio depois de tentar imprimir -me a conversão/ Esava lá minha mãe, de ¶amelote, curvada a seus pés, pedindo com insância ao trano que o não decidisse, ¶amando -me de “emanação da Providência” e de “inócua criatura obediente”/ Obediente sim, mas a Vós, ó meu Deus/

E nessa pausa que se seguiu ao pranto de minha mãe, eu já escutava os querubins e via ao seu lado, nova aparição, Nossa Senhora, Mãe de Jesus, e Vo-lo agradei por acompanhardes esa Tua vassala em insante tão doloso/ ! Virgem Santssima ali se quedava, novamente, rodeada por anjos, de tez alvíssima, olhar grave e piedoso a mim se dirigia, véu branquíssimo que lhe cobria levemente o geso, mãos suaves como a porcelana, aproximadas em jeito de oração, imaculadas, e a capa de azul celese que lhe cobria os ombros possuía um brilho adamantno, em tudo semelhante à seiva que o é desde o primeiro dia, e modela os ro¶edos e, aspergida, mata a sede à «corça que anseia<sup>2</sup>¶, penetra o solo e é gérmen, e vida e pureza/ Era aquele tecido uma crislização diáfana, a mais perfeita materialização da ablução, pena esar puído na bainha e ter aquela man¶a na extremidade, porventura por muito a usar e por Lhe faltar tempo de a percolar, tamanha a azáfama que deve ser ouvir tanta promessa e tanto *Salve Regina*/

De todo o modo, recuo às *Confssões* a que me proponho, não por escassez de apetência em Vos louvar e Vos agradecer, mas por procurar que recebeis ese sacrificio, por meio do minisério da minha língua, por Vós criada e que impelises a confessar o Vosso nome/ Sarai todos os meus ossos e que eles clamem. «Senhor, quem há semelhante a Vós?<sup>3</sup>¶/ !qui exponho e expio os meus pecados, na tentatva de me redimir, pois «dos pecadores esá longe a salvação¶/ Outrossim, o maior daqueles ainda não referi eu/ !h! Miserável de mim! E fraca! Recebei-me na fé e curai-me da minha jacância/ É que me dizem sagrada, e alvo de veneração, me põem em ¶arolas, e andam com o peso das pratas e das alvenarias aos ombros, me representam, os santeiros, os iconógrafos, com os olhos de mim despegados/ E tudo iso porque curo o negrume da visão!

De que vale me porem nos altares, nos esrados, nos púlpitos, nos genufexórios, nos órgãos, nos coros, nos assentos, nas naves, nas câmaras, nas capelas, nas sacristas, nas criptas, nos

---

<sup>2</sup> Salmos, 42

<sup>3</sup> Jeremias, 10:6

batsérios, nos nêtos, se só sei curar a cegueira da visa, quando urge curar a cegueira da alma!?

De que vale me porem nas preces, nas rezas, nas orações, nos sermões, nos louvores, nas laudes, nos cântcos, nos salmos, nos hi nos, nos motetes, nas réquias, nas missas, se me divulgam como curandeira de lesões do corpo, de aques, quando há tanta molésta nessas consciências, tantos cegos da visa que habitam no Bem e muitos mais sadios que habitam na Putrefação!? E enquanto dos primeiros só uma espécie há, dos últmos existe abundância de categorias/ E não me refro aos lascivos, aos ociosos, aos apósatas, gulosos ou adúlteros, mas sim àqueles que reptam/ Ele é demagogos, déspotas, os conformados, os que trocam o essencial pela consatação e fruição da frivolidade, os desatentos aos que os rodeiam, os ignorantes, os cegos! E a eses aparecem -lhes outros Catorze. São Materialismo, Santa Egotatria, Madre Superficialidade, Soror Irresponsabilidade, Beata Indolência, Santo Populismo, Reverendíssima Indiferença, Irmã Inscícia, Frei Excesso, Superiora Inação, Todo-O-Poderoso Vilipêndio, Bem-aventurada Negligência, Prese Falsidade, Presbítera Hipocrisia/ Quando é que alumiar as retnas se sobrepôs à necessidade de corrigir a alma que antes luzia? Luz ia, luz foi-se, reina a escuridão/ Luzia, luz foi-se, o que podes tu fazer? Se só tens remédio para maleitas e indisposições fsicas, o que fazes no andor vacilante? !judai -me, Senhor! Mas, por Deus, o que digo eu!? «O que foi feito se fará novamente, nada há de novo debaixo do sol<sup>4</sup>! E que sou eu? Mera serva, Senhor Omnisciente/ *Deus super omnia*<sup>5</sup>/ Se assim é, de que vale intentar esa empresa? Prudente será deixá -lo para o Sumo-Suserano/

Ó meu Deus, se tão evidente é a Tua Omnipotência, porque me fzeze não santa, mas ofalmologisa!?

***In nomine patris et filii et spiritus sancti,***

---

<sup>4</sup> Eclesiastes, 1:9

<sup>5</sup> «Deus sobre todas as coisas» (S. Paulo, Romanos, IX, 5)

# Livro segundo

*Diogo Heleno*

## Livro Segundo

### João Augusto (pseudónimo)

Nota: Este texto foi premiado com o 1º lugar no concurso de conto organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020.

**«Benedixitque illis Deus et ait crescite et multiplicamini et replete terram et subicite eam et dominamini piscibus maris et volatilibus cæli et universis animantibus quæ moventur super terram»<sup>6</sup>**

«Ó Senhor, eu sou Vossa serva, sim, Vossa serva de Vossa escrava/ Quebrases as minhas cadeias- sacrificar -Vos-ei uma vítima de louvor<sup>7</sup>/ Meu Amor por Vós é aderente e tomado de tal tenacidade que resiste a qualquer tentativa de rutura/ Quebrem -se-me as tibiás, ó meu Deus, para que não possa mais andar/ Irranquem-se-me as maxilas, ó meu Deus, para que não possa mais falar/ Perfurem-se-me as veias, ó meu Deus, para que não possa mais existir/ E nesa falta de andamento e de fala e de existência, habito em Vós e por Vós me encho de júbilo/ Ouvei agora benignamente esa prédica que a Vós se dirige, porque a ignomínia não se esgotou no que já disse, antes jaz putrescente nesa minh'alma sequiosa de imaculabilidade/

Prosseguirei, pois, com as minhas humildes *Confissões*; E nese momento de resolução, ta ceio o meu coração e lhe reconheço o Amor fecundo por Nosso Senhor Jesus Criso em cada uma das suas fbras/ Tangei-mas, ó meu Deus, nese instante de mortificação cavada até ao âmago pelágico desa minha essência, e fazei delas suave melodia que desperte os Homens dese malfadado sono e os resttua à vigília, tal qual David, que tangendo, por seu turno, sua lira, expurgava Saúl de seus malignos espíritos/ Que eu seja Vossa lira e que o canto que dela emane seja pleno de complacência e Vos louve segundo a Vossa imensidão, grandiosamente, com tamanha veemência que supere em intensão a de todas as canoras trombetas, sonoros címbalos, ressonantes saltérios, cítaras, frautas, sinos, aulos, tambores! Um grito de aleluia expedido ao mais elevado firmamento!

Des' arte, iniciarei minha confidência/ Por Vós guiada fui até à longínqua Nicomédia, penitenciando durante a longa peregrinação, na tentativa de fazer luzir da minha comorbidade

---

<sup>6</sup> «E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e subjugai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra» (Genesis, 1:28)

<sup>7</sup> *Salm. CXV, 16-17*

clareira imensa que me livrasse da vérmina de que padecia/ E, ó meu Deus!, quanto Vos agradece esa Vossa serva por nunca me faltardes, mesmo naquelas asfxiantes e calcinadoras Horas Sextas de verão! Orava perseverantemente, pelas folhagens desfalecidas, pelas crespas sarças, ásperos cardos e abrolhais, pelos arbusos que inclinavam as sumidades ante o Sol fêrvido, rememorando-me dos Vossos misérios e da paixão de Criso, apropriando -me da fogosidade do asro e transformando -a em fogosidade religiosa/ E nesses momentos de êxtase, olhando a espaços aquilo que me circunscrevia, não eram roçados, nem arroios, nem boninas o que tão comoventemente observava, mas sim obras de Deus, obras Vossas, penetradas pela Vossa claridade!

Só então compreendi quão parasítcos são os Homens, e eu, meu Deus, e eu! Pois quê? É que disseses ao dia sexto q ue o Homem dominasse as resantes criaturas, mas não seria esse domínio para ser praticado da mesma forma com que nos dominais, caridosa e benevolentemente? Disse Jesus. *iam non dico vos servos quia servus nescit quid facit dominus eius vos autem dixi amicos quia omnia quaecumque audivi a Patre meo nota feci vobis*<sup>8</sup>/ Se assim é, não deveria o Homem agir perante a Vossa Criação exercendo domínio amical, zeloso em desbasar as ramudas cepas e lhes conservar os pedúnculos cárpeos, em vez de consumir essa mesma cepa? Sim, porque os Homens não se saciam com os carpos somente, senão que devoram tudo o que lhe surja, os pedúnculos, as hases, as estrpes, a seiva, os seixos, o que os rodeia, e o que mais além se fgura/ Devoram o horto, a leiva inteira, o latfúndio e tudo o que lhes é menor e subordinado, os currais, os terreiros, os eirados, as varas, rebanhos, cardumes, os próprios hortelões, rendeiros, granjeiros! Devoram tudo e os da própria qualidade/ E de todo ese férculo orgíaco, é o mesmo Homem que, ébrio, repousa num encoso, erucando ruidosamente, regurgita a matéria putrefaca, sente -lhe o acre sulfúrico, a emanção excrementicia, os glóbulos pasosos por digerir cuja confguração tão prazerosamente se demora em adivinhar serpejando a língua pelo palato, carcomido pelos ácidos e pelos vermes que se locomovem em espasmos, mais perturbados pela repugnante atmosfera fecal em que nadam que o dono daquela boca, que agora desperta dese enlevo (um fedor lhe atçou a glutonia), sonda o mento peludo, encontra uma falange olvidada, observa-a como que intentando se lembrar a quem já pertencera, perde-se no pensamento, já não lhe importa, esgravata com a unha agarrada àquele osso os dentes imundos que ainda retém, rói o resante, e num ímpeto fulminante de ânimo e gl ória, num derrame de gáudio supremo, levanta-se e, ah meu Deus!, ergue as mãos aos céus, profere «!bençoi ese alimento que

---

<sup>8</sup> «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer» (João, 15:15)

tomo<sup>9</sup> e engole tudo, empurrando aquele visco até às entranhas sedentas! !fasa -se sem tardança daquele local (para o mais comum dos observadores nada acontecera), espera-o nova refeição, que iso é gente de muito alimento/

Iso, meu Deus, é a verdadeira gula! ! dos que não têm verdadeira boca!, porque verdadeira é aquela que profere o Verbo, espargindo a Palavra do Senhor e fazendo-o à Vossa semelhança! Não mais que cavidades disópicas são aquelas que proferem a repulsa e esabelecem o domínio por soberba subordinação dos corpos que só a Vós pertencem, autêntca emulação de cecos/

E eu, meu Deus, eu sou implicada!, porque quando descasco um aromátco pomo ou uma doce laranja, ao lhe trar esses invólucros e essas túnicas orgânicas, faço -o desinteressada e precipitadamente como se fosse condição imanente daqueles frutos o terem sido criados para meu proveito e divididos convenientemente em gomos para mais fácil ser o seu consumo/ Mas *facilis es descensus averni*<sup>9</sup>, fácil é trilhar o caminho do mal/ Não será aquela minha attitude um princípio para attitudes mais graves e mais abjetas, meu Deus? Tal qual quando sacudimos um qualquer inseto alado que nos incomode, quando calcamos as lâminas das ervas raseiras, isso não será a causa primeva para o Homem manipular as Vossas criaturas como se a ele pertencessem? Não será iso a causa das gaiolas, das cadeias, das piozes, das trelas, dos jugos, das esporas?

Não digo que objetos tais sejam perdição, mas a intenção, meu Deus, a intenção com que os manuseiam é que encerra a vil baixaza – a de o Homem tudo querer devorar, (de novo) desinteressada e precipitadamente/ E o mais miserável, o mais pungente, é que o que o mesmo Homem traga mais frequentemente, e num só gole, são outros Homens, outros a que não me refro nesas *Confssões*, porque imerecedores de repreensão, porque fébeis e, ainda assim, humildes e temerosos a Vós – os mais puros crisãos, os únicos a que é digno atribuir tal designação/

De todo o modo, enfermidades do ventre, boca, intestnos e coisas que tais são sob o minisério de Santo Erasmo, ou São Elmo (como aprouver ao freguês), sempre em frente, direita/

Mas ó meu Deus!, eu Vos peço, ó Criador do Céu e da Terra, mitgai esa minha dor, lenifcai esa minha perversão, pois pensei ter senhorio dese pó e desas lágrimas e dese mundo à

---

<sup>9</sup> Virgílio, Eneida, VI, 126.

visa e, por isso, os usei sem a morabeza com que Vós me criastes e a todas as coisas! Inimici -  
me de confiança, porque não me reconheço em Luzia, pois me parece que luzir nunca fui  
capaz! Ó meu Deus, santificai eses ossos, eses humores, eses olhos, ese ventre!/// Diga?  
Desculpe? !h, muito bem, deixe só! Muito bem, pode dizer! nove, cinco, um, cinco , zero,  
oito, zero, três! repita só o último, se faz favor! Um? Muito bem! Diga -me só uma coisa, Elmo  
leva H?



# **Rimas Sérias**

**Pedro Pinheiro**

Designed by: Pedro Cordeiro

## “Rimas sérias”

### Pedro Pinheiro, 12º I

Com o interesse subjacente num motivo presente, é visto que o último crente de Resende se expõem de forma eloquente.

Para alarme mais grave é visto que Kennedy vai à nua lua e a veste e reveste de brilhantes bermudas.

Efeito dado à bola que rodopia no campo agreste, tem como intenção girar à volta do ser celeste glorificado como bom e divinal, mas uma simples labareda queima e faz mal.

A velocidade instiga a adrenalina, mexe com Teresinha que a leva à Marte com extrema curiosidade, que, pela idade, viaja mais longe no espaço onde se esquece de um braço0 e o outro0 e a perna0 e a outra0

Olha para a casa de um servo, onde em seguida a esmaga, faz que a paga seja dada e recebida com o desmembramento pleno de um ex-homem convincente.

Pagou as dívidas ao senhor rico, riquíssimo, detentor de todos os dinheiros, a este são dadas as maiores ovações escritas, as melhores odes rescritas, mesmo que a riqueza deste seja "odd".

Batalhas travadas por almas maltratadas neste mundo cruel e infiel, cheio de promessas com o céu, e pelo inferno cheio de plena justiça que fixa o ser no solo e o solo no ser.

É uma vida sem sentido que em vão se tem querido o coração de quem nos diz não. De quem nos diz sim, enfim. Tempo perdido com o garantido, uma ilusão ilusória que traz uma fraca vitória para a débil alma que não tem calma.

Segue-se no seguimento do programa aquilo que mais chama a atenção e que com a corroboração da liberdade da pessoa, prendendo-a a um ecrã que ressoa "bom" som e capta a atenção do domesticado e humano cão.

Trabalhar trabalhando o trabalho trabalhado, redobrado pelo trabalhante que respira e pira pela quantidade asoberbado daquilo que trabalhou e desgastou do corpo já desgastado e mal contemplado, desproporcional ao avental que põe o indivíduo mal e o trata como animal. É a vívida chefia que tira a vida querida do tão pouco sabido amigo do trabalhador que trabalhou e se exaustou no campo infértil que semeou, acabando torto e morto à espera do preto corvo que lhe coma o corpo em coma.

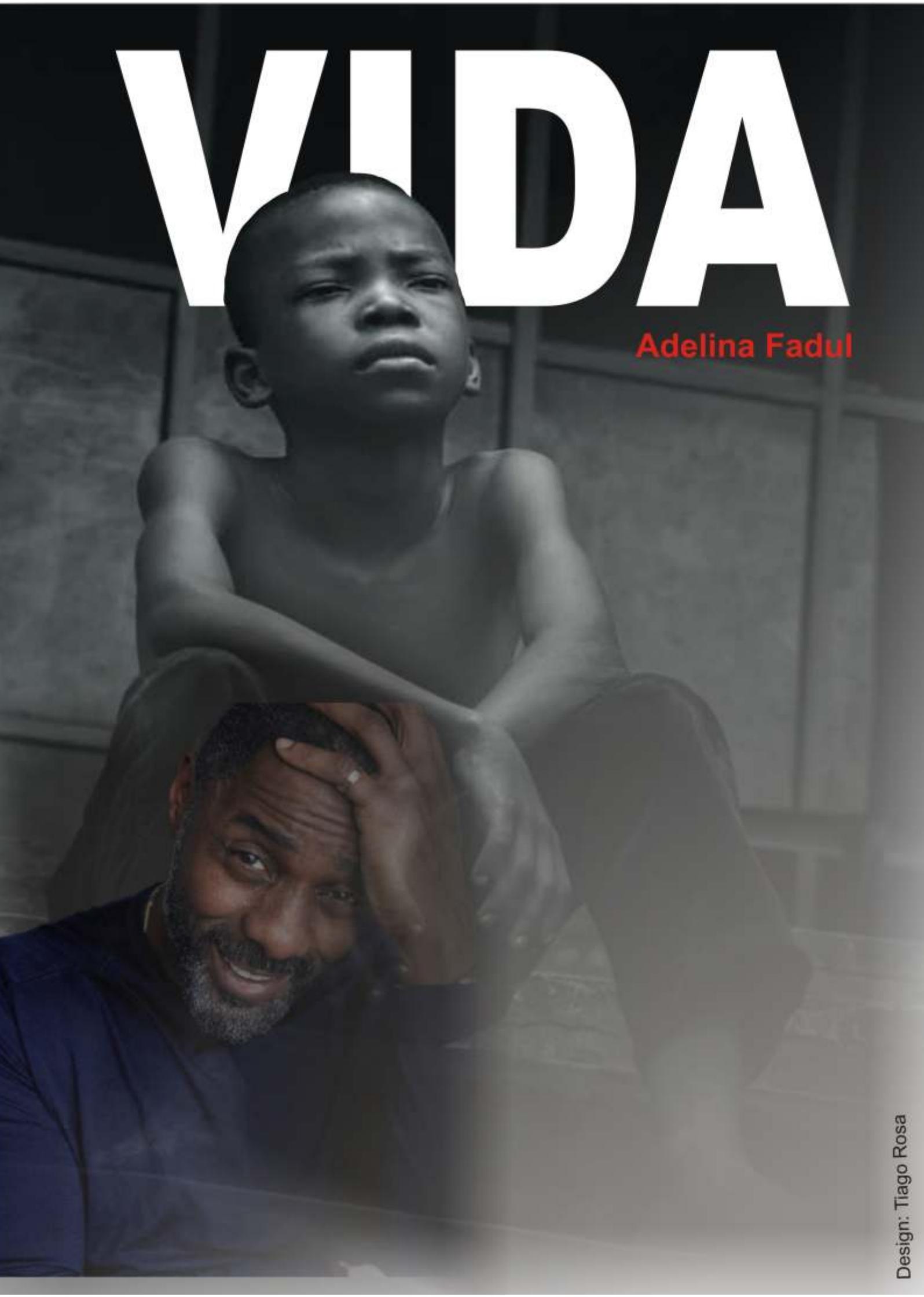
Após o carro que corre na corrida corrida, é com a correria na subida que a pessoa corre e esquece o sentido da vida. Desvanece aos poucos e torna-se oca com os ocos moucos que se esquecem, aborrecem à medida que padecem em caixões feitos de cartões, todos umas grandes imitações repletas de individuais recordações que são representações das vivências, crenças, ex-crenças, dos "pensos" que fizeram parte de cada, que após a vida, são nenhum.

Com Deus é outra sorte, uma dose doseada que ajuda a suavizar a morte. Um acreditar baseado no imitar, no celebrar, no crer que se quer ter para que se tenha o devido sentido para aquilo que é vivido no indivíduo. Como tal, para um se proteger daquilo que tem a temer,

inventa algo para crer, é enganado pelo engano, que o remete para um estado já caducado pelo que rege e comanda toda a hierarquia humana, a humanidade.

Com o término posto no Pérfido, não se quer pensar no sério ser do mal, que faz o normal sentir-se anormal para com o habitual/ É o monstro de cada um que não se vê em nenhum0 É a realidade irreal que consta na verdade surreal da humanidade! O demónio que aparece e desaparece à vontade do ser que, sem saber, verifica conhecer o desconhecido sem nunca o ter sentido ou tê-lo visto a aparecer.

# WIDA



Adelina Fadul

## *Vida*

Adelina Fadul, 12<sup>o</sup> I

O que dirá a criança que já fui  
Ao ver a pessoa em que me tornei?  
Arrependimento? Orgulho?  
Indiferença?

Vejo as crianças a entrar no refeitório...  
Pergunto-me o que pensava eu nessa idade?  
Eram grandes as minhas preocupações?  
Creio que sim

Crescer poderá ter feito com que as visse como sendo pequenas e sem importância

Veem! É esse o mal dos adultos ou dos "quase adultos"!  
Menosprezam as dúvidas das crianças, mas esquecem que foi através desses "porquês" que a  
humanidade evoluiu e continua a evoluir.

O que seria de nós, se cada cientista não tivesse levado a curiosidade à fase adulta?  
Teríamos a vida que temos hoje?

Envergonhas-te, "eu" meu do passado, daquilo em que me tornei?

De facto, mudei muito...  
Antes, ouvir um pássaro cantar fazia nascer um sorriso na minha face  
E poder estar em convívio com os meus, trazia-me paz

Hoje... hoje o cantar daquele mesmo pássaro causa-me dor nos ouvidos!  
E hoje encontro paz quando me fecho no quarto, isolada de tudo e de todos.

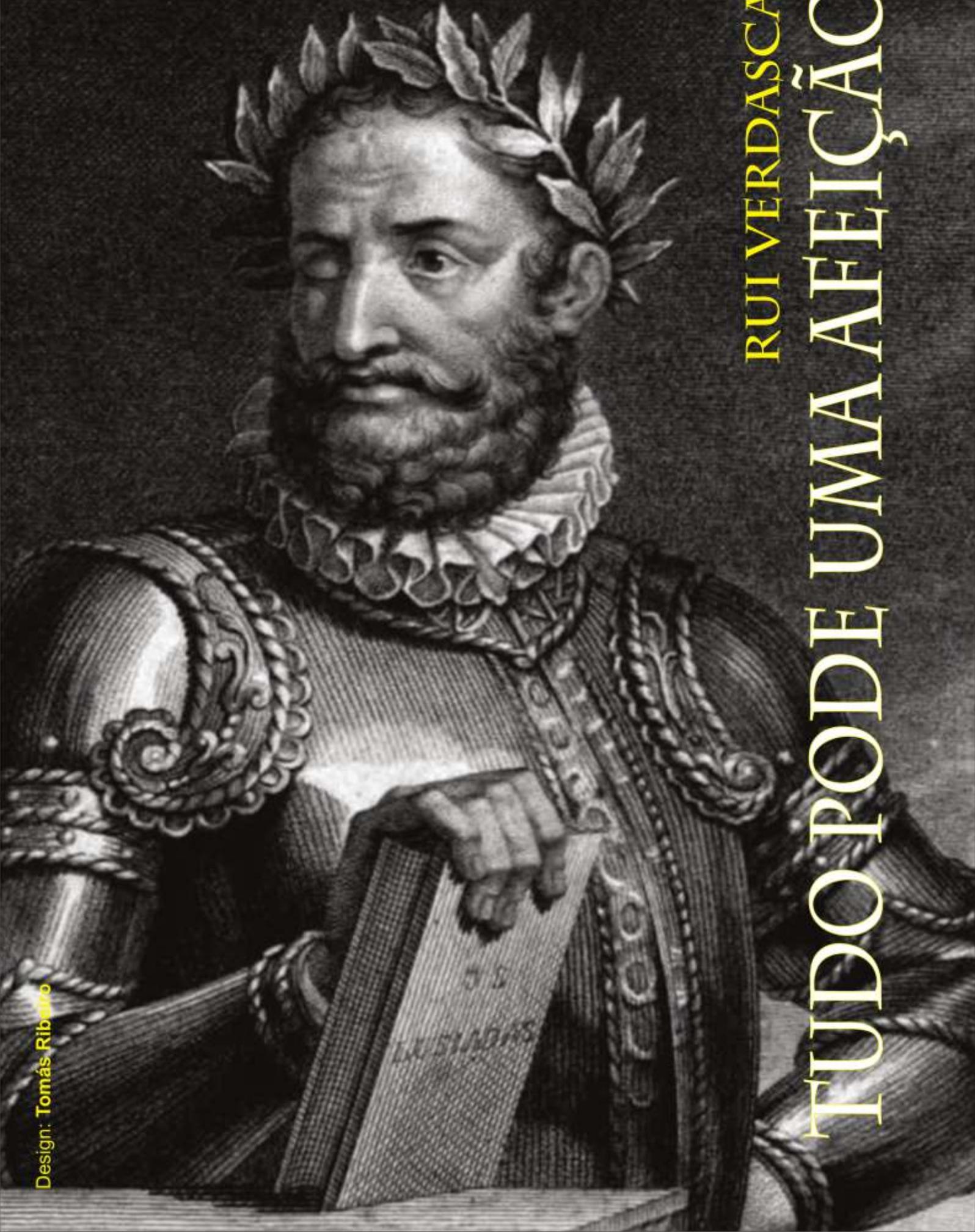
Terá sido uma boa mudança?  
Terei alcançado o auge do que é crescer?

Responde-me... ainda tenho muito para viver!  
Se estou no caminho errado, diz-me!  
Não quero viver, o que em criança detestei  
Ainda há tempo!

Responde-me

PARTE III

DIÁLOGO COM OS MESTRES



Design: Tomás Ribeiro

RUI VERDAſCA  
TUDO PODE UMA AFEIÇÃO

## TUDO PODE UMA AFEIÇÃO

**Lourenço de Sousa Caeiro (pseudónimo)**

Nota: Este texto foi premiado com o 2º lugar no concurso de conto organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020.

*Tem tal jurisdição Amor  
n'alma, donde se aposenta  
e de que se faz senhor,  
que a liberta e isenta  
de todo o humano temor;  
e com mui justa razão,  
como senhor soberano,  
que Amor não consente dano.  
E pois me sofre tenção,  
gritarei por desengano:  
tudo pode uma afeição.*

Camões

No ano de mil quinhentos e setenta dois, quando o Paço da Ribeira ribombava com uma das suas habituais festividades, tão típicas da corte portuguesa e do pueril rei que sempre se regozijava em caças reais e noturna embriaguez, caminhava à beira do Tejo um sujeito que, olhando o azul nítido das águas, em vão procurava uma ablução que o salvasse. Sentindo o cansaço que o consumia há dias, estava ele no ponto de seu limite, e a vereda em sua frente, tão bonita, nunca fora tão dilacerante como agora. Em verdade, sabia ele que caminhos fizera muitos, mais do que a condição humana requeria, e tantos mais tinha pela frente. Esses eram, contudo, um só – restante e ínfimo (para ele a futura completude) na teia de trilhos e vias que todos os dias se concretizam na vida dos homens. E em breves horas, se é que existem horas ou brevidade, o grande trajeto da sua vida veria o seu princípio, cuja voragem do sonho faria com que acabasse tão rapidamente como começaria. O tempo, na verdade, extingue-se quando em espírito nos tornamos. Não o sentimos. E ele caminhava.

Antes de entrar em sua casa, tinha sido alvo das habituais galhofas que este povo lisboeta lhe lançava, em concreto pelo facto de que do olho direito não via, perdido este na sua viagem ao Oriente. Restou-lhe o esquerdo, local do Diabo; mas que, em pacto com o mesmo, lhe deu dupla visão, afincada e feroz. Tantas vezes dilacerado pela visão dos olhos dos que amou, e daquele verde que nunca se olvidaria, procurava agora a estabilidade que o seu coração tão

informe, nunca satisfeito, dificilmente lhe dava. Há tempos, escrevera sobre a insatisfação e dessa felicidade que chega e foge. Lembrava-se vagamente de seus versos, ofício doloso para poeta que é o regurgitar o que se escreve, e matutava na sua mente *Não ganhou para perder; mas ganhou, com vida igual, não ter bem nem sentir mal*. Que é isso, no entanto, de estar no entre das coisas? Ver serenidade, ler Horácio, lembrar Epicuro? O que sabem eles do amor intenso de um homem que tudo sente e tudo quer e tudo faz? Não sabem nada. O sentimento é englobante, *desintensifica-se* e retorna num eterno *loop* de oitos e oitentas, de tal modo que o determinismo, tão real, se submete de joelhos esfarelados àquilo que, sendo inefável, damos o nome amor.

A razão pela qual não sabemos ainda o nome do nosso caminhante deve-se, primacialmente, ao facto de também ele ser desconhecido, na história que aqui se desenrola. Eram poucos os que conheciam o nome de Luís Vaz de Camões. Tinha mãe esperando em casa, amor primevo que só mães conhecem. E poucos eram os seus conhecidos e amigos, para além dos seus amores que perseguia, em caso esquecidos, já que os rios de tinta que escrevera serviam essa mesma função reminiscente. Ultimamente, apenas o inquisidor-mor do Santo Ofício o ia vendo com alguma frequência, nas viagens de idas e voltas que Luís Vaz dispunha, a fim de finalmente publicar a sua obra, poema épico sobre a gesta portuguesa no Oriente. Eis o motivo de seu cansaço e descontentamento: esse ofício, que é santo, obrigara-o a modificar estâncias e versos, tão queridos na mente de um poeta, pelo que tão contundente é ter que os assassinar. Muito paradoxal era, então, essa santidade – uma que nos deu liberdade, lá com Adão e Eva, e agora o calava, como se não tivéssemos comido a maçã da árvore da vida, para vermos que somos nus.

Tendo entrado em casa, o parecer do Santo Ofício tinha sido em boa hora e, desta vez, permissivo; mas Luís Vaz, numa última vertiginosa releitura, não estava satisfeito. Tudo retornava ao seu canto nono, seu canto tão precioso que a seus olhos era o seu orgulho. Lia-o com frequência quando, pacato e tristonho, tentava *buscar-lhe algum deleite, algum descanso*. Pensando-o irrealizado, mormente com a parte final do canto sublime, e lembrando Ovídio quando este escrevia *finis coronat opus*, sabia que necessitava coroar o final para que a sua obra enfim se concretizasse na sua plenitude. E tudo voltava a Platão: a chave aristofânica da vida e da obra camoniana, o seu epítome vital que é o transformar-se o amador na coisa amada. Estranha linguagem pensaria Luís Vaz: um apelido, Camões, tornar-se em adjetivo, camoniano, este que desconhecido era. Sentia, de qualquer forma, que faltava algo entre o verso que acabava a estância octogésima segunda *Que todo se desfaz em puro amor* e o que iniciava a sua octogésima terceira *Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas*. Porém, qual era a carência dessa poesia? Cerca de seis estrofes, que Luís Vaz ainda não conhecia; mas era forte e

grandioso o que profetizava escrever, porque o fim é, discorram os eruditos, o clímax do que se implanta no papel, tal como o é da vida. Não conhecia, contudo, o que faltava, esse que ainda não materializado, se alguma vez o foi. E em desespero de criador, pronto a enunciar novamente, em rugidos interiores, não mais, não mais *que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida*, caiu Camões em sono e, nesse *profundo Oceano* dessa Ilha que vinha relatando, sonhava0

Na Ilha em que estava, esta que é do Amor e não dos Amores, via todo o tipo de verdes que a Natureza podia conjurar; mas, no topo, entre as nuvens, estava o mais distinto de todos: o dos olhos daquela vista que nunca se olvidaria. A sua grande paixão, ainda pequenina neste *a priori* que é o ver, fulminava-o, e Camões corria, louco, fugindo cada vez mais da realidade que o ameaçava acordar. Exasperante, a escada etérea prostrou-se ante seus olhos: ah, que tudo acontece nos olhos! Subia os degraus, os mais intensos, o caminho que lhe faltava percorrer0 Certamente Vénus estava a olhá-lo em deleite. Subia, pensando no Tejo, e sobre os rios que vão ao seu encontro, afinal ele os procurava. Em raio agigantado, trovante, criador, Camões perdeu-se entre as nuvens, *verdeficando-se*, se se pode neologizar o inefável, pleno na constante poeticidade sua de *transforma-se o amador na cousa amada*. Ah, Aristófanes, que em banquete vias Sócrates e ele a ti te via! O olhar de ambos, as metades e a escada! A Ilha transformou-se, Camões transformou-se, e tudo passou a verde/ Foi o amor, e despertou0 Luziu a lamparina, a luz era real. Deixando a espada de seus infortúnios passados, pegou na pena, sua estimada instrumentalização de si mesmo, e em voragem espiritual, não sentindo o tempo, escreveu esses versos que lhe faltavam. Principiando uma nova estância octogésima terceira *Oh! Que famintos beijos na floresta*, acabava quarenta e seis versos depois *Com fama grande e nome alto e subido*. Havia terminado a derradeira obra. E pensava: olhos verdes, olhos verdes que sois *o sumo da perfeição e porque são vossos!* E, por isso, meus0

Luís Vaz, imaterializando-se, em verdade se diga, para sempre *de louro e de ouro e flores abundantes*, subiu ao telhado de sua casa. No topo, vendo ao longe o Paço da Ribeira e as festas que lá iam, olhou o Tejo: a água era, e sempre fora, verde. Olhou de novo e, finalmente, já quase no fim da vida, após inúmeros galanteios e engates, percebeu que o Amor é um só: para um amador, uma só cousa amada, a metade que vagueia pela outra, pelas ínsulas mais dispersas em oceanos por achar se aí for verdadeiro o sentimento líquido da origem criadora. Em cima do telhado, sentindo a alma em que se tornara, unindo-se nele mesmo, no poema que pelo amor terminou, e olhando somente o verde do Tejo, murmurou, sorrindo, *tudo pode uma afeição*0

# IMPROPTU



DESIGN: ANDRÉ GOMES

*Diogo Heleno*

# Improptu

Diogo Heleno

*Diz o redator, dirigindo-se a mulher de salto alto rubro, blusa de fita veludo-verde:*

– Talvez se tenha tornado em lugar-comum, é hoje dado adquirido, factual e axioma. Já não se estranha... – *(interrompendo)* Pouco se entranha, por conseguinte, que já não se tenha entranhado. – *(surpreendido)* Exato, isso mesmo! *(retoma o tom inicial)* E a repetição aborrece não por existir, mas por ter de existir constantemente! – *Untura para a cegueira alheia!* – *(surpreendidíssimo)* Mas que bem!, que subtileza de comparação, senhora leitora! – *Ai muito obrigada! Mas prossiga, prossiga.* – Estava dizendo que a própria expressão nauseia de tanto puída! – *(interrompe, de novo)* Deixe-me adivinhar. *!lterações Climáticas!* – *(novamente surpresa)* Hoje impressiona-me sinceramente. – *E afora hoje todos os dias, espero.* – *(seco)* Mensalmente, direi, mas, continuando, falava das Alterações Climáticas, *(acelerando)* Changement Climatique, Cambiamenti climatici, Climate change, Klimawandel! – *(rápida)* Izmeneniye klimata! – Também russo, senhora leitora? – *(ativa)* Há muita coisa que ignora sobre mim. – *(divertido)* Ai sim!? E eu que julgava que a nossa relação era menos séria, menos de circunstância. – *(disfarçadamente ativa)* É como disse, “mensalmente”/ – *(rindo)* Touché! Mas olhe que sinto um pico de acidez nesse comentário. – *É das medicinas que tomo, das pastilhas de ácido fólico.* – *Esse das hortaliças, das amêndoas, da levedura da cerveja, (brincahã)* e com tanta ainda necessita de excedente? – *(rindo)* Eu?, sempre seríssima! Com a minha vasquinha de cote, mais branca que a neve pura, chove em mim graça tanta, que dou graça à fermosura. – *Vai fermosa mas bem segura! (riem-se ambos)* – *Estou a ver que não perdeu o sentido de humor desde o mês passado.* – *Desde há dois meses, que em janeiro não publiquei!* – *Ah, estou a ver, então avance, avance, que entretanto me perco na leitura.* – *Se o pede, é ordem. (retoma o tom sério)* Estava então falando de Alterações Climáticas, uuf! e que enfado repetir esta coisa quando um mundo debita a expressão em bebedeira de urgência/ *E Wangarĩ Muta Maathai não foi diferente desse mundo/ “Quem?”, e a pergunta surge com toda a justificação, querido leitor, leitora, que a fizestes.* – *(indignada)* Não fiz pergunta nenhuma, ora que esta!, e onde diz estar essoutro leitor? – *E isso é tudo curiosidade!?* – *É a veia jornalística.* – *A jugular, essa?* – *Aorta, carótida, coronária, ulnar, todas juntas, todas um.* – *Vejo que a objetividade jornalística se perdeu pelo caminho, enumerou artérias, não veias.* – *Isso pensa o senhor!, a minha objetividade é mais que jornalística, é matemática.* – *E isso é possível para quem troca artérias com veias e di-las o mesmo e um só?* – *Então não se vê logo que a matemática é das mais subjetivas?* Mas vá, não tenho pachorra para esta conversa, avance, avance que gosto da mulher que escolheu desta vez! – *Então mas porquê?* – *Porque me perguntou.* – *Desculpe?* – *Porque a resposta não é óbvia, em muitos sentidos foi a desimportante, a mulher negra que se elevou sem prerrogativas, mas o senhor deverá saber com certeza mais que eu, avance, avance.* – *Bom, Maathai é uma mulher africana, reconhecida ativista política, ambiental e social, agregadora de um*

espírito democrático, queniana, escritora, nascida a 1 de abril de 1940 em Ithite, estudante em Nairobi e Pittsburgh, conhecida pela fundação da GBM. – A malta já deveria conhecer a minha aversão às siglas! Mas vá, fala da Green Belt Movement, associação não-governamental indígena empenhada na conservação da natureza, estou certa? – (*rindo*) Como não poderia deixar de ser. (*proseguindo*) E dela. “Casada?” Talvez/ “E filhos?” Quiçá, mas nenhuma das anteriores perguntas é necessária à compreensão desta figura e revelariam dela aspetos, no mínimo, secundários, desinteressantes para a mais imaculada das publicações e para os mais superiores, lúcidos e prendados escritores que nunca votariam à crítica alheia o seu trabalho por conter referências vagas, corriqueiras, mexericos e forrobodó que poderiam pôr em causa o bom nome deste jornal seríssimo!

[– Casada sim, mas só até 1977, separação complicada, economicamente custosa, com advogados para lá e para cá, sabe como é, é só ladroagem!, dificuldades em sustentar as propinas dos filhos, oferta de emprego promissor, emigração para a Zâmbia, separação dos filhos que ficaram com o pai, mas olhe, vizinha, dizem as más-línguas que0 – Ui! – Que horror, ui! ui! cruces credo, *Ave Maria gratia plena*0]

– (*indignada*) Mas o senhor redator achava-me capaz de perguntar por bisbilhotice? Ainda não estou senil! – Longe disso!, já fiz questão de o repetir! É dos espíritos mais salutares, mais joviais que conheci! – !h bom! Mas estava a dizer da Maathai0 – (*completando*) Que enfrentou corajosamente o regime déspota queniano, contribuindo para a tomada de consciência mundial da opressão política, servindo de inspiração a muitos outros, palavras do Comité Norueguês que a premiou, em 2004, com o Prémio Nobel da Paz, não minhas, e aqui, querida leitora, peço que me admoeste o não colocar as bem ditas comas que nestas situações resolveriam a imprecisão da referência, é por mandriice, nada mais. – Desculpadíssimo, eu aqui a ouvi-lo tão concentrada nem notei pela diferença! (*de repente, boquiaberta*) Ah! E que grande esquecimento, que falta imperdoável! Onde é que já se viu tratar assim um convidado? O senhor redator não quer tomar nada? Chá, café?, uns rebuçaditos? – Agradeço a atenção, mas vou recusar desta vez. Faz isto com todos os redatores, chama-os a casa, oferece-lhes guloseimas? – Ler e dividir rebuçados fi-lo sempre a vida toda, a todos e por todos. – Todos quem? – A todos os momentos, por todos os meninos, é o meu ofício, gosto de aprender do que me é capaz de mostrar um ângulo novo de ver as coisas, estar em constante rearranjo de ideias, comer e dar de comer. Mas continue, estava dizendo0

[– Você acredita, vizinha, que a moça foi dizer ao *Da Setandarde*0 – Da quê? – Um jornal de lá, leia aqui, «THE S-TAN-DARD»: da setandarde! – Ah bom! E o que é que a negra disse? – Ora, que a SIDA tinha sido criada deliberadamente para dizimar a população africana, onde é que já se viu? – Olha que esta!, cá para mim é0 cala -te boca! – *Ave Maria gratia plena*0]

– Que depois de uma vida plena, Wangarĩ Muta Maathai acabou por falecer de um cancro nos ovários, a 25 de setembro de 2011 na capital do seu país de origem, Nairobi.

[– Vê vizinha!, Deus castig0] – (*interrompe violentamente, gritando*) E não é que o raio das velhas ainda estão na soleira a praguejar!? (*berrando*) SUAS GRANDESSÍSSIMAS ABELHUDAS! REZE, REZE QUE QUEM PECA É VOCÊ!!! (*desabafo, dirigindo-se à leitora*) Ufa! Era

demais! – *(séria, circunspecta, refletindo)* Agora achei-o frio. – Com aquelas duas? – São leitoras? – Só do que lhes convém. – Ah, compreendo, mas não era delas de quem falava há pouco, acho que foi frio na forma como terminou por falar do falecimento de Maathai. – Frio? – Breve. – Peço perdão. – E vai fazer alguma coisa para remediar isto? – Já o escrevi, já o leu. – Ainda estou aqui, ainda vejo. – Por vezes esquecemo-nos disso. – Do quê? – De que os outros estão ali e veem. – Ah sim? – Gostava de lhe agradecer imenso pelo que fez por mim, querida leitora. – Fazer de si o quê, um redator? Porque sem leitores, não há redator. – Não é isso. – Eu entendo, não precisa escrever. – Então em remate que tal:

*Jaz ali, no Oriente queimado,*

*A que à vida, ciano, afastado,*

*Pelejou; E assim de su'altura,*

*negro não se viu: cegav'a brancura* O que acha?

– Bonito epítáfio! Desça a cortina, *(acelerando, energicamente)* afogueiem-se os candeeiros, levante-se a plateia, ovações para este jornal e para os seus escritores! – Todo esse entusiasmo para um rótulo de cadáver. – O senhor redator, mais do que eu, sabe bem que não é assim. – Como é que pode ter tanta certeza? – Porque é o senhor que o escreveu e me escreve a mim. – Está então a dizer que para além do que escrevo, a senhora não é ninguém. – Nada disso, eu não só sou como existo. De outra forma como poderia estar a falar comigo? – Não sei, julgo que o faria tal como quando falamos a nós mesmos. – Aí está. Existo porque fala comigo e não sou o senhor. – Então tem nome pelo qual a tratar? – Claro que sim, mas “leitora” não lhe basta? – Gostava de a conhecer. – É difícil conhecer-me. – Sei que sim, mas não me importa, a senhora é também suspeita, “am[a] o Longe e a Miragem, / !m[a] os abismos, as torrentes, os desertos”, não é verdade? – *(surpreendida)* Para quê conhecer-me mais se já o sabe? – Porque mo disseram, agora gostava de aprendê-lo por mim. – Talvez tenha razão. O nome é um bom começo. – Apelido? – Manuela. – Primeiro nome? – Alice.

# FERNANDO PESSOA ...

*Um poeta próximo e genuíno*

*Pedro  
Ferreira*



## Fernando Pessoa ... Um poeta próximo e genuíno

Pedro Ferreira – 12º F

Quem é Fernando Pessoa? Homem composto de tantas pessoas numa só. Todas distintas, portadoras de um mesmo criador.

Olhem para este fingidor. Reparem bem na sua máscara... ela é feita de todas as suas vivências, boas e más, agradáveis e desagradáveis... nada falta: a "Teoria do fingimento", a "Dor de pensar", o "Sonho e realidade", a "Nostalgia da infância"... Poderá qualquer poeta enquadrar-se nestes temas? Óbvio que não. Estaremos sempre aquém de descobrir a singularidade deste português, que de português tem tudo! Homem virtuoso da descendência de Camões!

Incomparável, trovador lusitano que, apesar da sua dura infância, se fez ao mar! Tão jovem perdera o pai, um pouco mais e sumira seu irmão. Oh morte, porque nos fazes sofrer? Para muitos isto seria o suficiente para dar a desculpa de não poder ser ninguém na vida. Mas o nosso Fernando é português camoniano: de espírito forte não se deixa afundar com a embarcação enquanto atravessa o Cabo das Tormentas e procura incessantemente a misteriosa Ilha dos Amores.

Como seria a Ilha dos Amores de Ortónimo? Podemos imaginar uma terra de sonho que não precisa de ser fingida, terra sem dor, sem pranto, sem choro e ausente de pensamento, onde o imaginário é real e nenhuma mente é mais madura do que a de uma criança. Se não é esta Ilha de Fernando, que ele venha de lá de onde habita e conte como ela é!

Pobre coitado, homem injustiçado que, por carregar sangue português, viu seu sonho arrancado. Como se atreveram? Ingleses sem sabedoria! Esse homem a quem desprezaram por ser português é hoje ensinado nas escolas! Ele que dominava a vossa língua, muito melhor que muitos de vós, foi deitado fora e com ele todo o seu mérito estudantil. Mas é aqui que nasce a esperança do povo lusitano e que Lisboa recebe o filho que há muito lhe fora tirado.

Eis o retorno de Fernando Pessoa à sua pátria mãe e com ele tantos outros que estavam para surgir! Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e, posteriormente, Bernardo Soares, isto só para citar os mais conhecidos. Estes não foram os primeiros a nascer, contudo são estes os mais portugueses, os que nos interessam.

Alberto Caeiro, o mestre, o camponês, o poeta da natureza, o pagão. Como estudante era pouco qualificado, mas com uma mente dotada de doutoramento. Poeta do não pensamento, do muito sentir. A verdade, segundo ele, é aquilo que sentimos e isto não envolve raciocínio. A natureza é a sua casa.

Ricardo Reis, o helenista, o filósofo, o moderado, o médico, o monárquico. Elevado em formação, aconselha à prática de uma vida moderada e sem emoções fortes, para que na morte não haja dor, mas somente aceitação do fim.

Álvaro de Campos, o modernista, o futurista, o frustrado, o nostálgico, o exaltador. Um olhar sobre a sua infância como uma época feliz e amorosa, em que o sofrimento não habitava o seu coração. Exalta a modernidade e todo o progresso, desejando fundir-se com as máquinas industriais e saborear o prazer de ser uma.

Bernardo Soares, igual a Pessoa, menos o raciocínio e a afetividade, o autor do "Livro do Desassossego". Dramáticas reflexões humanas elaborou, numa escrita inviável, inútil e imperfeita, à beira do tédio, do trágico e da indiferença estética.

Com efeito, estes quatro e todos os outros, a que não me referi, revelam-nos Fernando Pessoa. É por meio deles que descobrimos as mais variadas facetas que podem existir dentro de um homem. Pessoas como um todo, membros de uma só alma.

O que tenho eu a dizer? O que aprender com ele? Ora bem, não será fácil. Pessoa em si era um personagem bem complexo. Uma descrição perfeita, só mesmo uma feita por ele mesmo.

Alma portuguesa da cabeça aos pés, escreveu sobre o mundo que o rodeava e sobre o seu mundo interior. O que pensar disto? Sejamos como Fernando. A sociedade, sua contemporânea, rejeitou-o. Essa é uma verdade. Porém, muito maior é o seu prestígio que ainda não parou de crescer. A morte não o deteve, porque o seu legado é eterno.

O seu legado foi simplesmente exprimir em letras as suas pessoas. E nós? O que vamos fazer com os nossos pensamentos? A partilha é a chave. Pessoa ajudou-me a perceber que por mais que disfarçemos ou que nos façamos passar por alguém que não somos, a nossa carta, após a vida, apenas será lida se estiver assinada com o nosso nome. Daí que Fernando tenha escrito em nome de tantos sobre todas as coisas... mas no fim o nome recordado é o dele.

Pessoa era solitário, agora é internacional. É preciso ser-se corajoso para se expor a um mundo que o procurava humilhar após as falhas tentativas de ser compreendido. E nós? Somos da mesma natureza de Fernando Pessoa! Deveríamos ser sinceros connosco, o nosso testemunho pode valer tanto quanto o de Pessoa!

Cada humano é fenomenal! Qual a razão de Pessoa se ter destacado? Partilhou-se por completo a todos fazendo o que mais amava: escrever. Ele hoje não é conhecido por ter sido tradutor ou correspondente comercial... nada disso! Ele é conhecido por ser Fernando Pessoa, o seu nome carrega um significado próprio! Como? Pessoa nunca se esforçou para ser alguém, mas sempre foi quem era em todas as suas personagens (mesmo que estas não fossem ele).

Além disto... que referir mais? Nem todas as suas ideias são as mais aceites por todos. Poucos concordam em viver moderadamente como Ricardo Reis. Raros os que desejariam ser atropelados por comboios como Álvaro de Campos. Todavia, muitos

desejariam um contacto profundo com a natureza como Alberto Caeiro. E muitos se identificam como alguém de reflexão profunda tal como Bernardo Soares.

Agora falemos numa só temática de Ortónimo, "Sonho e realidade", sentida deveras por todos. Quem não deseja viver os seus sonhos num mundo real? O que nós sentimos quanto a isso? O mesmo que Ortónimo: duas realidades intocáveis. Ainda que as opiniões da veracidade deste sentimento variem, o sentimento é sentido por todos.

Qual é a conclusão de tudo isto? Que a vida e obra de Fernando Pessoa poderão ser uma fonte de inspiração para todos nós. Há forma de descobrir melhor Fernando Pessoa? Sim! Lendo as suas obras. O que acontecerá lendo as suas proezas? Acabaremos por nos identificar com algo e veremos como estamos mais unidos como humanidade do que aquilo que hoje vislumbramos.

Que cada um viva sendo tudo em todos, para que todos possam ser tudo.

*"Alguns têm na vida um grande sonho e faltam a esse sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho, e faltam a esse também."*

Fernando Pessoa



***Viagem pelas pessoas de Pessoa:  
da máscara ortónimo às deambulações heterónimas.***

Rui Verdasca – 12º H

**A pré-terra do Mestre: o ortónimo**

Como a muitos jovens que, interessados por se iniciarem na poesia pessoana, principiam em qualquer poema, é comum relegar-se o ortónimo para os lados e ler primeiro a heteronímia. Ora, tal também a mim me aconteceu, quando, num alfarrabista, me deparei com um pequeno livro de Alberto Caeiro: o *Guardador de Rebanhos*. Sabia, porém, que para ler Caeiro (embora já tivesse tido a sensação de espreitar nessas páginas antimetafísicas) deveria aventurar-me pelo poeta que tudo forma: o gigante Fernando Pessoa, por outras palavras, embora injustas, o ortónimo. Suponho que, para um leigo na matéria pessoana, poderá ser difícil saber por onde começar, mas como um bom lusitano, de peito ilustre e barão assinalado, vi-me com *Mensagem* nas mãos.

Algo que fascinou a minha mente adolescente, que tão rebelde é em tudo que é a crítica, foi a chamada pelo *Quinto Império*, esse sebastianismo que criticava o paradigma da altura do que era ser português, que desvanecido estava. E, hoje, continuamos certamente imersos nesse nevoeiro. Eis a atualidade da poesia de Pessoa que, já não no domínio de *Mensagem*, nos seus poemas, fundou a metalinguagem, a nostalgia e o pensar que tanto custa. Conceitos que, sendo tão presentes em nós, intelectualizam toda a lírica, especialmente na incipiência do Modernismo português, observando desde já uma polivalência que é apanágio pessoano. O ortónimo deixa, assim, a base para os heterónimos surgirem.

**O Mestre da inconsciência terrestre: Alberto Caeiro**

Olhando para esquerda, depois para a direita e, finalmente, para trás, o que resta é a frente e nela vemos, dourando-se na luminosidade exacerbada do Sol, *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e *Poemas Inconjuntos*. Como já referido, foi *O Guardador de Rebanhos* que primeiro foi lido. Esses quarenta nove poemas deslumbraram uma mente. Uma mente que, entretanto, como Sísifo, teve de se esforçar para resolver o grande paradoxo que lhe surgiu. Ora, «(Pensar é estar doente dos olhos)» e «Para mim pensar nisso é fechar os olhos/E não pensar». Pois quê? Estaria Caeiro a pregar o fim da filosofia, da metafísica, do pensamento, matérias tão apaixonantes? Ou seria isso apenas uma outra filosofia, prostrada perante a beleza do mundo e da natureza? Paradoxalmente, ler os poemas do Mestre era belo. E eu, jovem com um olho na filosofia e outro na literatura, corri atrás dessa beleza simples, concreta, mas difícil. Perceber Caeiro foi de extrema relevância, pois atenuava, em tantos

momentos, a dor onerosa do pensamento, olhando para a inconsciência, como se para o Sol olhássemos, cegando lucidamente.

Sei, no entanto, que «a realidade não precisa de mim» e que «a minha morte não tem importância nenhuma». Uns diriam morbidez, eu diria beleza. E, desta forma, na minha grande incapacidade para me conformar no meu paradoxo metafísico/antimetafísico que Caeiro me trouxe, fujo, de vez em quando, e vou lendo esses poemas do Mestre. Tal é o poder de Caeiro, tal é a sua inconsciência.

### **A (não)-morte de Ricardo Reis**

Vem, Lídia, escrever comigo. Espera, não escrevas. Vê-me escrever. Em tão simples exortações, tão facilmente se explica a poesia de Reis. Mas que achar desta? Se em Caeiro já havia um paradoxo, em Reis o paradoxismo exponencia-se, de tal forma que só um oxímoro o poderia representar. Como assim? Ninguém refutará a beleza de ler uma ode de Ricardo Reis, ninguém dirá que as filosofias estoico-epicuristas, tão bem amalgamadas nos poemas, não são de louvar, consumindo-nos para imitá-lo nessa simplicidade vital, ninguém professará a tentativa de anular a morte, pelo menos na mente; mas, para isso, não podemos agir. Eis o problema. Um repto que me lançou numa reflexão intensa, em que, por um lado, sabia que a felicidade viria na mera contemplação e, por outro, teria que abdicar da ação, tão necessária na mente de um jovem que luta constantemente para provar as suas ambições e os seus desígnios futuros. Pois: aqueles com os olhos fitos no futuro «veem o que não pode ver-se». Façamos, então, uso do *carpe diem* e, mais importante, na frase que na ode horaciana vem a seguir: *quam minimum credula postero* (confia o menos possível no dia de amanhã).

Ricardo Reis, nas minhas elucubrações, irei contigo até ao fim, até que a morte nos separe para sempre/ Por enquanto, não pensemos nela

### **A vitalidade do sonho: Álvaro de Campos**

«Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?», perguntaria Álvaro de Campos, em *Poema Em Linha Recta*. Este primeiro poema que me veio parar aos olhos, disse aquilo que, de certa forma, todos já sentimos. Essa necessidade de procurar a autovitimização, que nos leva à tão malograda misantropia. E todos somos, em certa medida, misantropos, aquando do nosso próprio egoísmo inevitável que se manifesta em todas as nossas ações. No entanto, Campos diz algo ainda mais relevante, em *Tabacaria*, o segundo grande poema que se estreou no castanho do meu olhar – a dicotomia entre ser tudo e ser nada. Novamente, Campos acerta em cheio numa outra reflexão que se extrapola em todos nós, quer consciente, quer inconscientemente.

Como não poderia deixar de precisar a final noção que faz de Campos, não obstante caoticamente, brilhante, temos a própria causa da sua misantropia, que, presente em tantos

poemas, teve a sua aparição em *Lisboa Revisited* (1923): «Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?», pergunta Campos. Assim, a poesia do engenheiro é uma poesia anti-máquina, uma poesia que, na realidade do presente que é entediante, busca refúgio no sonho. E vejamos nós que o sonho é aquilo que, fechados os olhos, se nos vem, discretamente, humanizando-nos e, por isso, expondo o que é real: a vida.

Campos é aquele que alerta, na luz intermitente da sociedade, a futilidade do que é ser humano. Campos é um sábio, mas sente-se falhado. Eis que, hoje, a sapiência é, vejamos nós, uma outra falha.

Concluamos. A terra, a morte e a vida: eis a quintessência pessoana. Será, no entanto, estritamente pessoana? Teríamos que ser assaz limitativos para não compreender a globalidade do *eu* pessoano e das *suas* pessoas, todo o seu crescendo, culminante em picos artisticamente salivantes, belos e caóticos, contemplando, assim, a paisagem que nos desliga a luz da ação, que, porém, é sub-reptícia em nós. Nós, que somos pessoas, somos Pessoa e, por conseguinte, somos a Ação dele e daquilo que, no seu coração de madeira, nos legou, dizem uns, em trinta mil papéis, papelitos, folhas, que representam, nada mais nada menos, trinta mil emoções, todas humanas, todas possíveis, todas nossas. Já dizia Saramago que o «caos é uma ordem por decifrar». Com Pessoa, perceberemos o nosso próprio caos e, com isso, a ordem pessoana que vive em nós, sempre0

# Uma Dor Existencial

Pedro Ferreira



## Uma Dor Existencial

Pedro Ferreira – 12º F

Ricardo Reis é o típico homem sem rumo, que vagueia pelo mundo e contenta-se com o espetáculo que este lhe proporciona. É semelhante a um figurante de um filme, apesar de fazer parte dele não participa ativamente. Isto não significa que Reis não faça nada. Não é isso. É que para tudo o que não o envolve diretamente ele é alheio e indiferente. Tanto lhe faz que seja dia de festa como um dia de trabalho. Limita-se a observar, confia em tudo o que é dito nas capas dos jornais. Não procura ser aprovado, embora não se aprove. A solidão é a sua irmã. E, quanto a mim, carrega uma carga profunda e inconsciente, fruto de uma dor da alma. Este é Ricardo Reis: aquele que se finge.

Reis e Adamastor parecem, de certo modo, primos distantes - separados pelo tempo e pela natureza - porque são compostos e unidos pela sua ficção e coração. De facto, quando falamos em Adamastor, a primeira lembrança que nos aparece é de um monstro forte, temível e de quem ousaria enfrentá-lo? Nem mais nem menos, perseverando na sua fidelidade ao rei, os portugueses (cheios de medo) derrotaram o tenebroso Adamastor. Diz a lenda que, na hora de dobrarem o Cabo das Tormentas, Vasco da Gama, ao contrário de outros navegadores que não resistiram à força do monstro, resolveu conversar com ele. Ao invés de o combater com as suas vãs e inúteis forças, usou o poder das palavras. As palavras foram mais afiadas do que a lança de uma espada e penetraram até ao mais profundo do seu ser, expondo a sua fraqueza, um amor não correspondido com uma ninfa do mar, Tétis, que o atraíu. Assim, Adamastor perdeu o seu ar temível e começou a chorar. A tempestade, como consequência, cessou e os navegadores atravessaram o renomeado Cabo da Boa Esperança.

Passando dos tempos de Camões para o tempo de Reis, a figura do Adamastor foi imortalizada numa estátua de pedra onde se pode ver a sua figura horrível. Agora, já não grita e nem chora. Foi capturado por El-Rei D. João II e entrou em depressão. Os portugueses tornaram-no num monumento de orgulho nacional e destruíram-lhe o resto da vida. A ganância dos portugueses com sede de poder derrubou a vida de alguém que, além de no passado ser desprezado, passara hoje a ser humilhado. Pensemos. Parece-vos glorioso destruir a vida de alguém que apenas queria defender os mares onde se isolou? Não estou a defender o procedimento do Adamastor, estou a contestar o procedimento dos portugueses. No lugar de derrubarmos um inimigo, podíamos ter ganho um amigo. No momento de consolarem o Adamastor, decidiram derrubá-lo... Prossigamos.

Ricardo Reis, contrariamente ao Adamastor, passa despercebido. Ninguém saberia quem ele foi, se não fossem outros autores que fizeram uma espécie de homenagem ao poeta. Era poeta e médico, e também parecia ter duas faces. Um problema de identidade. Por um lado, na sua poesia, parecia ser um homem galante e inocente que via no divinal a concretização da sua vida. Por outro lado, como vemos na obra de Saramago, que conta o último ano de vida desta personagem, vemos que esta tem uma vida contrária à escrita no papel, isto é, uma vida carnal e imunda.

Assim, vemos duas faces numa só pessoa. Qual será a verdadeira face? Ou serão as duas parte dele? Ricardo Reis não faz ideia de quem é. Chega a afirmar e até a interrogar-se sobre se teria regressado a Portugal para descobrir quem foi. Mas ele nem sabe se seria esse o motivo do

regresso. E talvez seja esta a razão por que ele é tão alheio. Onde não há propósito não há direção. Se não há direção também não há sentido. Se não há sentido tanto faz quem sejamos. Faz o possível para viver mais um tempo neste mundo, satisfaz os seus desejos conforme as normas sociais (ou desobedece às mesmas) e espera até que chegue o momento de passar ao mundo dos mortos. Reis é alheio porque não vê o sentido da sua existência.

Em verdade, lhe disse Fernando Pessoa, o seu criador: Ricardo Reis possivelmente nunca existiu. Atenção! Não foi um qualquer que o acusou de hipocrisia. Foi o seu próprio criador. Fernando Pessoa sabia a razão da existência de Reis e Ricardo não sabia o porquê de existir. Reis podia ter sido humilde e ter perguntado ao seu criador o porquê de ali estar. Porém, não se atreveu a saber a resposta. É aqui que se cruzam as dores de Reis e Adamastor, ambos existem e não sabem o porquê. E se o pensam saber, são incapazes de entender. A vida de ambos não tem sentido. Só mudam no comportamento, isto é, na maneira de agir. A angústia existencial é a mesma.

Evidentemente, o objetivo de vida do Adamastor estava em ter um relacionamento amoroso com Tétis. Daí que, sabendo que isso não acontecerá, a sua vida acabou. Também Reis, que antes afirmara que "Sábio é aquele que se contenta com o espetáculo do mundo", agora começa a ser confrontado com a dura realidade. A sua intervenção no mundo, como os seus amores Lídia e Marcenda, mudara a sua mentalidade.

Marcenda, símbolo do amor perfeito, é a imagem das deusas das suas odes. Estamos perante o ideal de mulher de Reis. No entanto, por ser etérea, não acredita num relacionamento intenso e de compromisso (exatamente como Reis descreveu que deveriam ser as relações). Isto corroe a ideologia do médico que viu o pedido de casamento feito à sua musa negado, por conta dos princípios em que tanto acreditava. Tudo passara de uma ilusão.

Já Lídia, símbolo do amor carnal e do mundo real, a princípio era de certo modo repugnante para Reis. Tudo o que lhe interessava em Lídia era satisfazer os seus impulsos sexuais. Só que Lídia, apesar de ser uma criada de hotel e, conseqüentemente, pertencente a uma classe social inferior, ainda acreditava que poderiam vir a casar, sem expectativas de que isso viesse a acontecer. Tal como não se veio a suceder. Ainda assim, aos poucos vai ganhando o seu espaço na vida de Reis e, à medida que esse espaço aumenta, aumenta também a aproximação de Reis ao mundo real. Não que ele já seja ativo nele, mas começa a dar uma atenção maior aos temas da atualidade. E isto, contrariamente a Marcenda, não era uma utopia, mas sim um mundo real e palpável. Deste modo, desenvolveu fortemente uma ligação com Lídia

Ainda assim, no final do romance, o poeta escolheu abandonar a criada (que ficaria no mundo dos vivos) e partiu com Pessoa em direção ao Além, acreditando que de nada valeria para Lídia (nem para a consolar da recente morte trágica que sucedera com o seu irmão).

Ricardo Reis- ser Adamastor ou sentira dor? No final do livro, estando a figura do Adamastor presente, ele não se virou nem deu o grande grito quando Reis e Pessoa partiram. Que grande grito seria este? Porventura não seria o mesmo grito que lançara aos navegadores portugueses? Era esse mesmo. No entanto, permaneceu imóvel. Foi deveras derrotado. Sucumbiu. Não teve salvação. E se tivesse, esta passaria por Tétis. E Reis? Como ficaria ele? Ficaria onde sempre se imaginou: desapegado do mundo dos vivos. Um mero fantasma, aliás um sábio fantasma, que se contenta com a observação de um mundo envolto em trevas e dor. Portanto, parece-me que Reis é Adamastor, no sentido em que, tal como este, sucumbiu ao silêncio da sua dor.

LER  
O  
ANO DA MORTE  
DE  
RICARDO REIS

*Rui Verdasca*



## LER O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

### SER ADAMASTOR OU SENTIR A DOR?

Rui Verdasca – 12<sup>o</sup> H

Há uma grande discussão sobre se Camões era profundo conhecedor da língua grega pelo facto de, em *Os Lusíadas*, ter aceiteado a forma «Adamastor» e não «Damastor». Isto porque é, precisamente, «Damastor» que se encontra na *Gigantomaquia* (v. 101) de Claudiano, suposto autor latino que Camões teria lido. No entanto, um grande camonista, que foi Américo da Costa Ramalho, num ensaio intitulado «Sobre o Nome de *Adamastor*», rapidamente afasta os argumentos e, após uma cuidada argumentação, conclui: «Usando a forma *Adamastor*, Camões, estava, portanto, apenas a refletir o uso corrente no meio culto em que vivia», não sendo «justo nem sensato atribuir o nome camoniano de *Adamastor* a ignorância da língua grega.»

Sendo Camões grego ou não, o facto é que nos legou uma imagem importantíssima no ideário português: o «estranhíssimo Colosso», de «olhos encovados» e «dentes amarelos», que foi a figura do Adamastor. Não vale a pena recordar a narração de «Os Lusíadas», mas o Adamastor reflete aquela ideia de um ser que olha o mundo, não se podendo movimentar, estático, muito à maneira estoica e epicurista de perceber aquilo que se nos é rodeado; traduzindo, de certa forma, o verso pessoano que serve de epígrafe a *O Ano da Morte de Ricardo Reis*: «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo».

É importante mencionar o porquê de Saramago ter usado este verso. Na verdade, foi precisamente com a leitura desta ode de Ricardo Reis que uma intensa reflexão principiou fermentando na mente saramaguiana, dando origem ao romance que hoje é estudado por milhares de estudantes portugueses. O que aconteceu foi que quando Saramago começou a ler Ricardo Reis, não sabia que este era um heterónimo de Pessoa. Com o diálogo entre um suposto poeta real, Saramago ficou verdadeiramente maravilhado pelas ideias e a estética da poesia de Reis, até se ter deparado com o derradeiro verso «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo». Quando Saramago o leu, espantou-se pelo facto de que ideia de que um sábio é aquele que contempla o espetáculo do mundo, ou seja, o sofrimento e a miséria, e ser capaz de se contentar só podia ser irrisória, falsa e abjeta. Deve ter pensado Saramago: «Então, vamos lá, Ricardo Reis, vou mostrar-te o espetáculo do mundo, e veremos se te consegues contentar». Desta forma, surgiu *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Como pessoa que leu muito Saramago, sempre considerei, e ainda considero, *Memorial do Convento* como o melhor romance saramaguiano. No entanto, não se pode negar o primor literário e a genialidade que é *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Não espanta que Saramago considerasse este romance como a sua *magnum opus*. O facto de Saramago trazer Ricardo Reis do Brasil para Portugal, numa época de atribulações político-sociais sem precedentes na história do mundo, para lhe mostrar o espetáculo do mundo e a construção, altamente filosófica e literária, de uma personalidade que quer ganhar vida, evidencia a literatura brilhante que, nas quatrocentas e poucas páginas, ganha forma de um modo não só estético mas também mágico. Assim, na leitura de uma obra sobre modos de agir, pensar e ser, o leitor constrói-se a si próprio, consciencializa-se, perspetiva o mundo, e o seu espetáculo, de uma forma que só lendo *O Ano da Morte de Ricardo Reis* pode causar. De tal forma que Pilar del Río, quando ainda jovem jornalista, chorou intensamente nas últimas dez páginas do romance, porque não sabia o que iria fazer depois de acabar uma obra desta magnitude.

O que Saramago, no fundo, nos ensina é que a dor não é algo a ser rejeitado. É um mecanismo que nos permite sobreviver, pois é o tronco que nos prende à terra, que invariavelmente nos vai dilacerando. Sentindo a dor, construímos-nos. É percorrendo o labirinto do ser (como escreve Saramago «o homem, claro está, é o labirinto de si mesmo») que nos confrontamos connosco próprios e nos apercebemos de que a mera contemplação é cáustica tanto individual como coletivamente. A ação é que é o grande desafio, a ação de sermos e assumirmos o ser que somos, para que o espetáculo do mundo se transforme num progresso humano a ser concretizado. Para isso, necessitamos, por conseguinte, da dor e do que ela nos ensina. Sentindo a dor, passamos, de certa forma, do Adamastor para os nautas que passaram além do Bojador. Além da dor.

# **Entre a imaterialidade e o material**

Adelina Fadul

Design: Mafalda Sueli



## Entre a imaterialidade e o material

Adelina Fadul - 12º I

“O ano da morte de Ricardo Reis”

Uma narrativa oral escrita por um homem inovador,

Que, ao invés de aspas, utiliza vírgulas,

José de Sousa Saramago.

Ler esta narrativa iguala-se a uma mini excursão pela cidade de Lisboa,

São muitas as referências geográficas e descrições dos espaços,

Estes observados pelo personagem principal, Ricardo Reis,

Que pela cidade deambula.

Reis, criação lírica de Fernando Pessoa e personagem central da história de Saramago,

Tenta encontrar-se a si mesmo voltando a Portugal,

Depois de ter vivido no Brasil por dezasseis anos,

País onde exerceu a sua profissão de médico.

Ao longo da história, Reis deambula inúmeras vezes pela cidade de Lisboa.

Ele não é um observador que faz a avaliação dos cenários que assiste,

É meramente um espectador que não faz uso da capacidade cognitiva de interpretação,

limitando-se apenas a absorver as informações sem se questionar.

Para muitos, Reis assemelha-se ao Adamastor,

Este que é criação de Luís Vaz de Camões

E símbolo dos obstáculos que o povo português teve que enfrentar para chegar à grandeza.

Mas, agora em Saramago, limita-se a ser uma estátua, que pretende gritar, nunca o fazendo.

Reis assemelha-se ao Adamastor,

Uma vez que vive como se nada o afetasse diretamente,

Tal como a uma estátua nada desperta interesse.

No entanto, será Reis, de todo, um apático, ou também sentirá dor?

Acredito que tenha começado como um apático,

Mas, Lídia, uma criada de hotel,  
Fez surgir nele um certo interesse pelo que o rodeia.

Lídia, contrariamente a Reis, tinha uma opinião a dar em relação aos acontecimentos  
E também questionava sobre eles, procurando saber mais.  
Ela comovia-se com as notícias e partilhava as suas ideias e conhecimentos com Ricardo Reis,  
Com quem tinha um caso.

Quanto mais foram falando, mais as palavras de Lídia influenciaram o estado de espírito de  
Reis.  
Reis, aos poucos, foi-se envolvendo com as notícias que lia.  
Parecia estar tudo a ir ao sítio.

No entanto, esse envolvimento de Reis com o mundo,  
Esse início de humanização das suas emoções, não conseguiram fazer com que ele se  
distanciasse da sua imaterialidade,  
Tendo voltado ao seu estado normal de apenas espectador.

Em modo de conclusão,  
Reis poderá ter sentido alguma dor,  
Mas a sua verdadeira identidade, a identidade que o seu criador lhe concedeu,  
Foi mais forte e fez com que Reis permanecesse imaterializado eternamente,  
Tendo escolhido partir com quem fez dele um ser existente, ainda que nas odes.

Esta experiência de leitura fez-me entender que  
Algumas pessoas são como Reis, apenas vivem de modo a não causar desconforto à sua vida.  
Tentam ao máximo não se envolver com a realidade em que vivem, porque ela é muito  
dolorosa e degradante.

Para estas pessoas "sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo", não fazendo nada  
para mudar de cenário.

PARTE IV

PALAVRAS ENCANTADAS

A close-up photograph of a person's hands. The left hand holds a lit cigarette between the fingers, with a small amount of ash visible. The right hand holds a black ceramic mug filled with a light-colored coffee. The background is dark and out of focus, suggesting an outdoor setting. The overall mood is contemplative and somewhat somber.

# Fome de Mundos

Miguel Mota

## Fome de Mundos

Alexandre Matos (pseudónimo)

**Nota: este texto foi premiado com o primeiro lugar no concurso de poesia organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020, tendo obtido o 2º prémio do concurso “Faça lá um Poema”, promovido pelo Plano Nacional de Leitura, para alunos do Ensino Secundário.**

Sentado pela tabacaria estou,  
Bebendo um café embriagado.  
Solitário, a realidade escapa-me,  
Pois nestes pensamentos embebido tenho andado.

O cigarro sabe-me à pequenez  
De quem tanto quis,  
Mas nunca nada fez.

Pois quem pensa materializa  
Realidades, duas, três.  
Vivo vidas inteiras de uma vez,  
Fugazes e efémeras. Vivo tudo.

O doce toque do cigarro nos meus lábios  
Lembra-me da realidade  
Que a minha fome de mundos me esqueceu.  
E o amargo gosto do café  
Revigora-me a alma  
Que tardava em aparecer.

# *Soneto da meia-vida*

*Leonardo Eco (pseudónimo)*



*Soneto da meia-vida*

*Leonardo Eco (pseudónimo)*

Assim nós somos com a nossa treva  
Que nos acompanha desde o início.  
Assim sabemos que a penumbra ceva  
O que da vida é tanto sacrifício.

Pela escuridão da distância esperamos  
E p'los fins de que sempre nós soubemos/  
Nesta inconstância apagados estamos  
Não agindo o momento que tivemos.

E aqui estamos esperando o Fado  
Que nada diz senão o bem visível.  
Aquilo que dita o nosso estado,

Aquilo que entrega um dom indivisível.  
Então, por que é tão por nós abafado  
Esse dote que em nós é acessível?



**Terras**

Leonardo Eco (pseudónimo)

**Nota: este texto foi premiado com o 2º lugar no concurso de poesia organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020.**

Veamos as velhas derradeiras árvores  
Que, por lá metidas em inóspitas  
Terras, conversam sem os extensos mares,  
Sem aqueles olhares e almas decrépitas.

Nesse espaço onde ficou marcado  
O tempo que, então, não existe,  
As árvores contemplam o nosso Fado  
E aquilo a que o tempo não resiste.

Fujam, que o tempo é escasso!  
Veem-se vistos os dias das folhas,  
Sempre a raiz ocupará aquele espaço  
Intemporal das dispersas escolhas.

Sei que nada te direi enquanto lá não for.  
Apenas verei o teu andar que o dia contou,  
Apenas verei o fim do meu não-amor  
E daquilo que o espaço jamais guardou.

Ide, que irei contigo para essas Terras,  
Lá sem o mar que nos banhe,  
Sem os olhares cheios de pressas,  
Sem o tempo que nos apanhe.



# Des(criação)

RUI VERDASCA

DESIGNED BY: PEDRO CORDEIRO

***Des(criação)***

Leonardo Eco (pseudónimo)

À beira da terra que me acolhe em pleno ser,  
Vejo-me como um agente-objeto.  
A felicidade vem em fazer nada, olhando somente.  
E contemplar é ser feliz: numa felicidade ímpar da condição humana!

Somos a ordem. E o caos o seu mais fiel discípulo,  
Dando mãos na voragem da abulia do que não é certo,  
Como um vento que esfria o calor sufocante da existência.  
Existência maldita e irregular!

O caos paulatinamente principia, vindo como um camaleão  
Entre ramos há longe dispersos na memória do mundo.  
Eis o repto que nos cabe em absoluta vivência:  
Identidade em partes partidas do perdido pacto.

Eis a serpente à espreita nos vastos jardins divinos.  
Caímos nus na terra que nos cheirou conscientes,  
E a torre, que direita estava, destronou, caindo  
Eternamente em calabouços prisioneiros da mente.

Aqui somos e não somos. Simultaneamente desafiados  
Em perceber o que a vida é e a nossa incumbência essencial.  
Contemplar basta, voltando ao Éden primário da criação.  
Agir é, porém, não-belo: caoticamente humano.

Criámo-nos em sibilantes ruídos naturalmente existindo  
E somos o pajem das nossas próprias ficções eternas.  
É poético dizer que o que foi criado destruído será.  
Em breve, tonar-nos-emos Deus: o Deus morto.

# Bondade em Éden

Débora Francisco



*Bondade em Éden*

downpouring (pseudónimo)

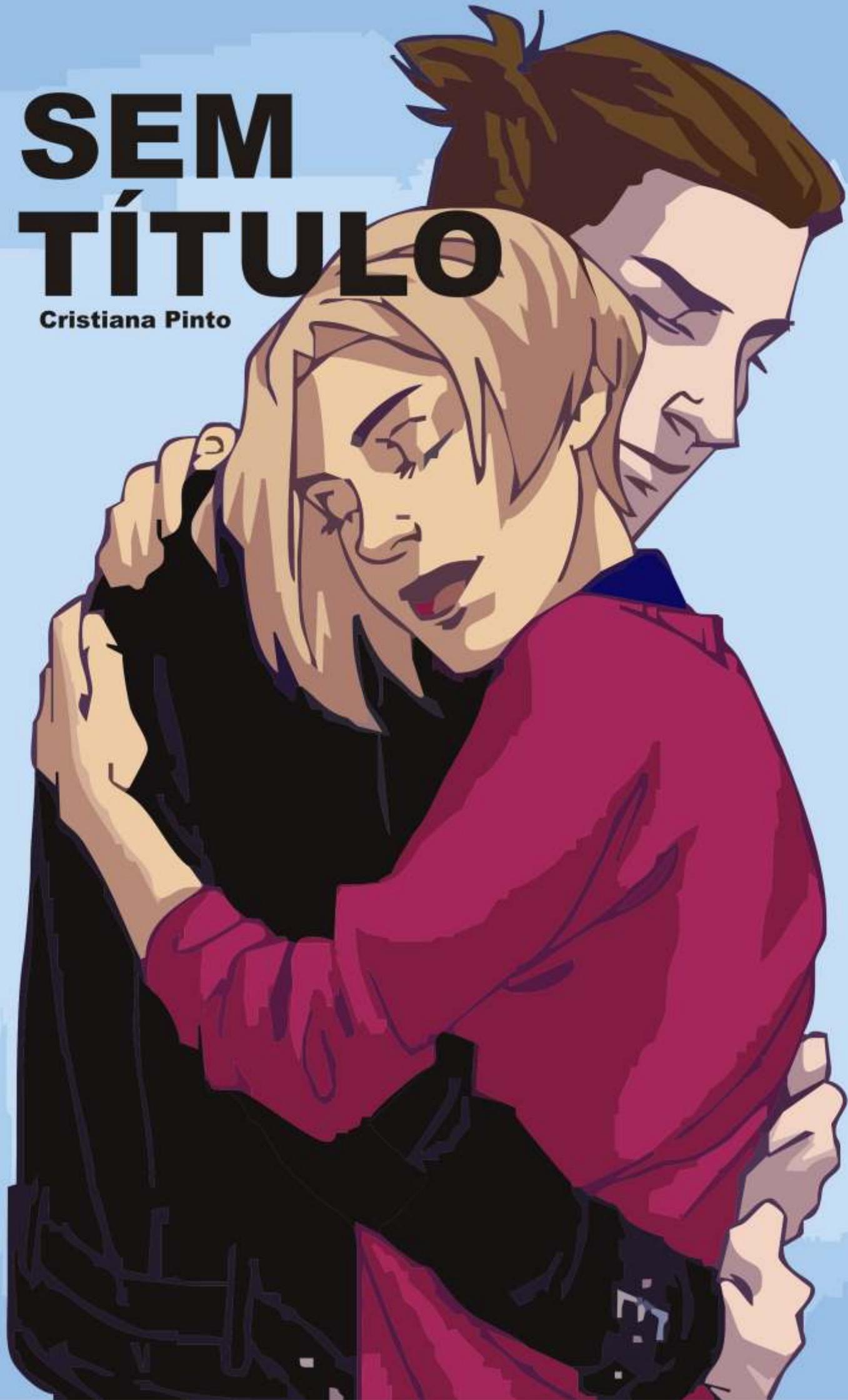
Nesses campos curiosos  
Onde se cultivam olhares,  
Pousam sempre corvos  
Entre esferas armilares,  
Docemente suspirados ares  
Que movimentam espigas  
Para além galáxias inimigas.

Pois, ao pegar em mim  
E em ti, quem fores,  
Espalharei extraordinárias cores,  
Brotando em jasmíns o Jardim.

A proibida alma sempre move  
Corvo que em demasia trove.

# SEM TÍTULO

Cristiana Pinto

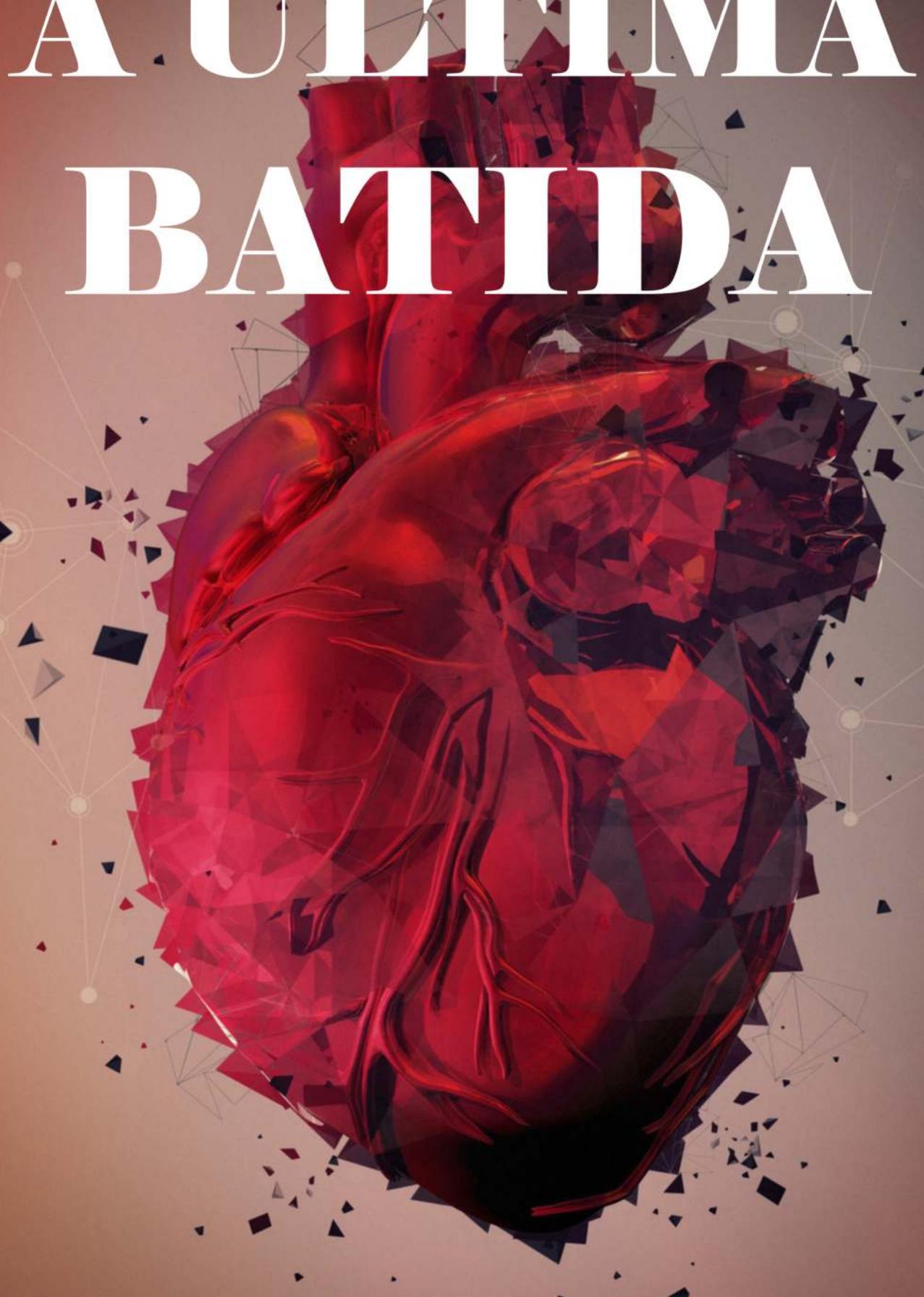


**Sem título**

Anairam Alvis (pseudónimo)

Hoje, sei que há pequenos e mimosos prazeres,  
E todo um conjunto de agradáveis saberes,  
Que revolvem a quietude da existência,  
E lhe conferem o clarão da magnificência!  
Preza a Arte, aprecia o próximo, rende-te à magia da leitura,  
Deixa-te embalar pela musicalidade da brisa na folhagem verdejante,  
E pacifica a alma com o riso abundante,  
Em breve, verás depositar-se, nas páginas da tua vida, indelével assinatura,  
Sê feliz, portanto, com todo o saber e educação,  
Sacia a alma de afáveis leituras,  
Crê no poder da dedicação,  
E, qual Mavorte ousado, não receies desventuras!

# A ÚLTIMA BATTIDA



**INÊS PAZ**

DESIGN: ANDRÉ GOMES

- A Última Batida –

Isabella Lajes (pseudónimo)

A dor alarmante  
floresce penetrante,  
pelas veias dentro  
até chegar a frágil coração.

A 1000 à hora  
percorre todo o corpo.  
Rios correm a cara  
e nas mãos, fogo.

Cabeça roda e vê o céu,  
belo e escuro.  
Estrelas de 5 pontas  
que rapidamente desaparecem.

Vozes ecoam na minha mente  
e a escuridão reina os meus olhos.  
É tempo de esquecer,  
é a minha hora.

Agora poderei  
de uma vez por todas,  
descansar,  
sem preocupar-me.

Eu oiço passos de;  
uma criança.  
Agarra a minha mão  
com toda a confiança.

Uma rosa  
põe no meu peito  
e dá-me um beijo  
com todo o respeito.

Vai se embora  
e o meu coração,  
sente algo passar por ele uma última vez;  
amor.

# *A Luta do Amor*

*Inês Paz*



- A Luta do Amor –

Isabella Lajes (pseudónimo)

Desarma as armas  
e arma guerras  
que se oponham a tuas ideias  
com várias opiniões diferentes.

Sempre aberto a  
vitórias,  
com vários males e desgostos  
cobertos pelo teu sorriso.

Espada cravada no coração  
para ver se se sente dor  
em amor tão puro,  
de coroa de ouro.

Agarra-me e não me deixes ir.  
Não me deixes cair mais uma vez  
em pregos estes  
em que me queres deitar.

INÊS PAZ

# CUBO



Design: Bárbara Valentão

- Cubo –

Isabella Lajes (pseudónimo)

Pontas de ferro  
com sangue escrito neles,  
sem piedade e sem dó  
de cada um dos meus ferimentos.

No meu corpo formam-se rosas  
de sofrimento puro.  
Lágrimas derramo  
com cada movimento delas.

Será apenas isto?  
Só poderei estar aqui?  
Tudo o que eu vivo  
está entre estas quatro paredes dolorosas.

Já não sinto nada.  
Abafou a minha voz.  
Cortou a linha de pensamento  
que traz as recordações.

Aquela doce primavera  
encontra-se abalada.  
Destruída por esta espada que se encontra cravada no meu coração  
que acabou com tudo.

Para quê viver mais isto?  
Este sangue derramado,  
é prova do quão inútil  
eu fui.

No meu último piscar de olhos, estas rosas  
bebendo o meu sangue, florescem.  
No meu coração elas crescem.  
Dei o meu ser e fiz nascer outro  
dentro deste cubo a que chamamos vida.

Design: Carole Ferreira



*Prece  
camoniana*

*Mariana Simões*



**Prece camoniana**  
Anairam Alvis (pseudónimo)

Meus nunca enxutos olhos são dois peixes  
Que, magoados, vagueiam no incerto mar  
Choram piedosas lágrimas de sangue,  
Por meu audaz marinheiro tanto amar!

O bom Vasco da Gama levou-me alma e coração  
!gora, mísera, aperto meu doce filhinho  
Apenas me resta esta terna consolação,  
Se meu amado se atreve em lenho levezinho

Minha alma entrego ao Santo Céu;  
Implorando que Deus consinta a força lusa agasalhar;  
Movido pelo Sonho, não sustentas, nas entranhas marítimas, meu amado ficar  
Se seu intento é a Roxa entrada, não permitas perpétua noite de breu

Meu forte e entontecido nauta, pelas brancas ondas, muito ousa;  
Quem no saudoso areal ficou, o órfão peito rasgado tem  
Ó Saudade cruel! Minha alma não repousa!  
Devolve-me, côncavo mar desmedido, meu marinheiro que muito busca além!

# Quadras de sabor marinhense



## **Quadras de sabor marinhense**

Anairam Alvis (pseudónimo)

Ai meu rico Santo Antoninho!  
Fui à Fonte Santa comprar um manjerico0  
Vi por lá o meu amorzinho0  
Ai! Jesus, que me deu um fanico!

Santo António deixou-me na ilusão,  
Prometeu-me casamento dourado,  
Esperei provar dulcíssima paixão,  
Mas apenas recebi marido desvairado!

Na Marinha Grande, dancei com o meu Amor,  
Vi fogo-de-artifício! Que noite de folia!  
Roubou-me um beijo com ardor!  
Por pouco não me dava uma arritmia!

# QUADRAS DOS SANTOS POPULARES À MODA DA MENINA

Mariana Simões



**Quadras dos Santos Populares à moda da menina**  
Anairam Alvis (pseudónimo)

Em Lisboa, com meu amorzito, saboreio roliça sardinha,  
Paixão e peixinho sabem tão bem!  
Aconchegam a faminta barriguinha,  
E o gentil coração como ninguém!

Nos Santos Populares, nesta ínclita cidade de pasmar,  
Não faltam tradição, manjericos e orvalhada,  
No ilustre arraial, quero muito folgar,  
E do meu Santinho ter companhia abençoada!

Lisboa, bela cidade que ama marchar,  
Nas tuas ruas, bailo com endiabrada animação,  
Com a alma a lamechar e a sardinha a pingar,  
Lisboa abençoada, tens a minha veneração!

# Crescer com regrinhas

Mariana Simões



**Crescer com regrinhas**  
Anairam Alvis (pseudónimo)

Se o bom ambiente da aula não queres danificar,  
O trabalho de todos deves respeitar!  
Tira o boné antes de entrar na sala,  
E com jeitinho aconchega a tua mala.

Escuta a professora com atenção,  
E tem o material sempre à mão.  
Na aula, mentaliza-te: de conversar tens de deixar,  
Pois, só assim, de ano irás transitar.

Levanta o dedo para a palavra pedir,  
De piadas de pouco siso, não ouses rir.  
Não baloices nas cadeiras, senta-te como criança que sabe,  
Que a macaquice na aula não cabe.

Sabe respeitar o material da escola e dos colegas,  
Com este pedido, estarei a ser piegas?  
Sim, vejo que percebeste: a palavra de ordem é respeito!  
A professora, tu, nós, eu, a ele temos direito!

Se seguires estas regras com Harmonia,  
Viverás cada aula em Paz e Alegria,  
Crescerás como criança com coração,  
E respeitas o teu Direito à Educação!

# ***Soneto à Primavera***

Anairam Alvis (pseudónimo)



***Soneto à Primavera***  
Anairam Alvis (pseudónimo)

**Nota: este texto foi premiado com o 3º lugar no concurso de poesia organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020.**

Lânguida, vistosa, envolta em olorosa atmosfera,  
Eis que chegou a airosa primavera!  
Vem de multicolores flores adornada,  
Vem de tépida brisa acompanhada0

Leve, suave e vaidosa, enverga florífero vestido aprumado,  
E com ela traz o ardente astro-rei embeijado!  
A trêfega andorinha trina na verdejante folhagem,  
A roliça rolinha arrulha por ver tão perfeita paisagem!

Sapientíssima, deposita na Terra a força da renovação,  
Desperta sentimentos de ternura,  
Poderosa, enche os Homens de comoção!

Sedutora e almiscarada, espalha brasido de afeição,  
Talentosa, afasta as pardacentas nuvens de tristura,  
Primavera! Ó Céus! Ó Vida, afaga o meu mísero coração!

PARTE V

A COVID E O PORVIR

# NÓS DECIDIMOS O FUTURO

Pedro Ferreira



## Nós decidimos o futuro

Pedro Ferreira – 12º F

Como é que o corona vírus afetou as nossas vidas? Basicamente é esta a questão que o tema propõe. E eu alegro-me muito por me ser dada a oportunidade de abordar um tema tão atual.

O corona vírus é uma pandemia que alcançou a escala global afetando não só cada pessoa individualmente como a todos a nível global. Assim, como medidas de prevenção, o mundo, tal como o conhecemos, quase que parou na totalidade. Atenção, o mundo como o conhecemos não deixou de existir, mas foi forçado a mudar. Como sabemos, isto toca a todos. Ninguém, principalmente nos países do primeiro mundo, pode ficar indiferente a esta situação.

O direito à livre circulação das pessoas está agora restrito. Deste modo, o nosso mundo económico tornou-se mais débil, porque agora nem todos os produtos podem circular entre as fronteiras, ou seja, o comércio de produtos foi reduzido. O contacto social tornou-se limitado e até proibido. As fronteiras estão fechadas e muitos dos portugueses que trabalham no estrangeiro foram ficarem retidos noutros países e impedidos de regressar para junto das suas famílias. Vivemos, para o nosso bem, uma espécie de ditadura quanto à mobilidade e ao convívio. Aquilo que tínhamos como garantido foi-se.

Muitos postos de trabalho foram postos em causa e outros acabaram mesmo por não resistir. Enquanto isso, afirmaram-se quais são as verdadeiras profissões essenciais para a garantia da continuidade da raça humana. E esses estão na sua maioria nestas áreas: agricultura, pecuária, pesca, saúde, investigação científica e segurança. E isto é somente um resumo, uma vez que, por exemplo, não nos devemos esquecer do saneamento básico e do fornecimento de energia elétrica, pois sem estas duas voltaríamos ao século XVI. Mas foi precisamente por vivermos no século XXI que o corona vírus se propagou com tanta facilidade (daí a paragem das viagens internacionais).

Dessas áreas que mencionei (agricultura, pecuária, pesca, saúde, investigação científica e segurança) quero destacar uma: a saúde. Os profissionais de saúde têm dado as suas vidas em prol das pessoas. Sujeitam-se todos os dias, por horas intermináveis e sem o devido descanso, para salvarem as vidas apanhadas pelo flagelo. E gosto de pensar nisto, porque, para mim, o que está a acontecer é uma sombra de uma realidade que já aconteceu: os profissionais de saúde são como o Filho de Deus que se sujeitou à morte para salvar toda a humanidade da perdição e dar-lhe a vida eterna. A história repete-se (vezes sem conta) e toda ela aponta para Deus.

Sabendo nós como isto afetou o mundo a nível global, vamos agora olhar para dentro de cada casa. Agora, estamos restritos às nossas habitações e só

podemos sair em caso de necessidade. Passámos a ter mais tempo para a nossa família. E isto é bom, mas não acontece com todos. A minha avó está há várias semanas sozinha em casa. A sua única companhia é o cão, mais ninguém. Para ela, estes dias não têm sido nada fáceis, com certeza. Não poder ver os filhos ou os netos e estar só, é duro e requer uma grande força.

Apesar dessas exceções (que ainda são bastantes), são mais as casas em que há pelo menos duas pessoas. Agora, gostaria de falar acerca das relações familiares dentro de cada casa. Na China, o número de divórcios, após o começo da pandemia, aumentou. E isto terá acontecido devido à relação entre o marido e a esposa já ser débil. Isto não deveria ser assim. Deste modo, com o corona vírus, a realidade entre eles veio à luz do dia e saiu das sombras em que se escondia.

Aliás, nas casas onde há crianças pequenas a situação também é complicada (uma vez que os pais já não sabem o que fazer com elas). Deste modo, podemos ver que muitas famílias têm dificuldade em conviver a tempo inteiro com os seus filhos. Isto não deveria ser assim. Podemos ver então que o corona vírus veio revelar aquilo que de algum modo estava oculto.

Ora, eu vejo no corona vírus uma correção do Pai Celestial. É claro que não me alegro pelas mortes e sofrimentos causados. E nem é a isso que me quero referir. O que eu quero dizer é que quem está em casa tem a oportunidade de refletir sobre a sua vida. Será que estamos a valorizar o que realmente deve ser valorizado? Será que a nossa família tem sido tão amada quanto ela merece? Será que a minha vida de hoje vai de encontro ao futuro que almejo? Será que não é Deus que nos está a fazer abrir os olhos para algo que antes nos recusávamos a ver?

Quero acabar por dizer que o corona vírus deve ser visto como o fim de um tempo e uma preparação para um novo começo. Aquilo que trazíamos de mau connosco deve ser travado antes do fim desta pandemia. Porém, nós somos quem vai construir o novo tempo que aí vem.

O corona vírus veio destruir o que fora edificado sobre a areia (aquilo que não pode perdurar) e veio trazer à tona o que foi edificado sobre a rocha (aquilo que deve permanecer). Podia continuar a profetizar o que há de vir, se é que tal graça me foi dada, mas este não é o sítio indicado para tal. Nós somos o início de um novo tempo, vamos agarrar a oportunidade para remediar o nosso futuro?

É agora a *chance*! O nosso isolamento é o tempo de preparação para aprendermos a viver no mundo global. Que o isolamento nos dê a oportunidade de vermos e corrigirmos os nossos defeitos para que o mundo não tenha de vir a sofrer com eles.

CAROLINA  
BENTO 12ºE

social  
distance



## Isolamento social

Carolina Bento – 12º E

COVID-19, todos já sabemos o que é, devido a esta pandemia encontramos-nos sob isolamento social, sem contacto físico, sem passeios pela praia, sem liberdade. Contudo, vivemos em tempos tecnológicos que nos permitem estar em contacto com os outros, através dos nossos dispositivos eletrónicos, o que nos leva a pensar: sobreviveríamos da mesma forma sem eles? Estamos assim mais próximos ou mais distantes dos demais? Qual é a importância da arte nesta altura difícil pela qual passamos? O que nos mantém sãos sob tal pressão? O entretenimento? A música?

Estamos longe, mas acima de tudo unidos pelo que nos faz feliz. Tornámo-nos mais criativos, experimentámos coisas novas. Fizemos e usámos arte. Quanta música ouvimos nestas últimas semanas. Quantos filmes vimos quando nos sentimos sem saber o que fazer, quando sentimos a cabeça a cair.

Mas acima de tudo, sentimos medo por recear o desconhecido, por não sabermos quando voltamos a estar com os nossos amigos, por recear o futuro, pela ânsia de tudo isto acabar. Mas mantemo-nos com esperança e fazemos o que nos compete para que isto acabe depressa.

Tédio, ânsia e esperança, hoje é o que eu sinto.

**Isolamento social no mundo global-  
estamos mais próximos  
ou mais distantes dos outros?**



Desafio “isolamento social no mundo global - estamos mais próximos ou mais distantes do(s) outro(s)?”

Maria Cordeiro – 12º E

O mundo mudou. O vírus mudou-nos a todos sem exceção e, no entanto, tudo permanece igual. O Covid-19 será a verdadeira razão do distanciamento entre a população mundial?

As mães choram as perdas de filhos e maridos para esta doença tão cruel, tão mortífera que desarma os mais fortes de nós. Ninguém nos garante que estamos protegidos a 100%, é impossível fazê-lo. Enquanto houver alguém na rua a beber o seu café, ou a aproveitar os saldos, ou simplesmente a cumprimentar a vizinha, ninguém está seguro. É essa a parte interessante desta "simples" gripe, que se espalha tão depressa como o ciclo de vida das moscas da fruta, e faz-nos cair tão depressa. Caímos de dor, a dor que na maioria nem nos atinge a nós, mas atinge os nossos amigos, a nossa família, os nossos colegas de trabalho e até mesmo a simples pessoa por detrás do balcão do supermercado local. Tão simples, tão indispensável. O que é dispensável é o café a seguir ao almoço, só para saber as novidades dos vizinhos, o lanchinho com as amigas a meio da tarde, o jantar entre amigos, o concerto do “melhor artista do mundo!”/ “! vida são dois dias”, mas de nada serve se estivermos presos num quarto isolados de quem amamos e de quem nos ama, isolados de tudo o que há de bom lá fora, afastados das experiências que iriam moldar o nosso futuro, tudo porque o “bicho carpinteiro” nos obriga a ficar em casa durante umas semanas. Perder a festa do ano, ou perder um ano? Perder a melhor noite das nossas vidas, ou perder a vida? “Aos vossos avós foi-lhes pedido para irem à guerra, a vocês pedem-vos para ficarem no sofá. Tenham noção”. Tão fácil de dizer e tão difícil de cumprir! Múltiplas pessoas partilharam esta frase nas redes sociais, após um jogo de snooker com os amigos no café do centro.

“Não vou aguentar a quarentena sem estar com X”. Esta foi uma das frases mais popular e comum no *Twitter* no último mês e, no entanto, a que suscitou um sorriso imediato: não foi a quarentena que nos separou, nunca estivemos unidos de facto. O mundo evoluiu em tudo menos na maneira como lidamos uns com os outros. Tudo é motivo de chacota, o mínimo erro é alvo de críticas infalíveis, como se de críticos o fossem. “És gorda”, “todos os corpos são bonitos”; “és feia”, “o que interessa é o interior”; “é impossível conseguires fazer isso”, “o que interessa é que deste o teu melhor”. Os mesmos que julgam são os mesmos que defendem. Ninguém se coloca no lugar do “outro”, ninguém pensa além de si próprio. Um mundo egoísta que nunca foi mais do que o que lhe era conveniente.

Com isto, afirmo que é impossível afastar algo que nunca esteve unido.



**Isolamento social no mundo global -  
estamos mais próximos ou mais  
distantes do(s) outro(s)?**

**Autor:Tiago Valeiro**

**Design: Tomás Ribeiro**

## Isolamento social no mundo global - estamos mais próximos ou mais distantes do(s) outro(s)?

Tiago Valeiro – 12º E

Devido às últimas ocorrências relacionadas com a pandemia provocada pelo Covid-19, foi decretado em pelo menos 25 países estado de emergência (dados de 19 de março). Estaremos mais distantes do(s) outro(s)? Evidentemente que sim, se pensar no sentido literal. No entanto, há também a vertente emocional que envolve todos os afetados por esta crise de saúde.

É impossível dizer de forma exata se as pessoas estão mais unidas ou não, se há um sentido maior de altruísmo entre a população. Podemos basear toda a ideia nas diferentes formas e plataformas criadas recentemente para entretenimento das pessoas que se encontram em isolamento social, ou dos atos de bondade e respeito para com os profissionais de saúde. Todos os concertos que estão neste momento a ser divulgados pelas redes sociais, as sessões de “stand-up comedy”, via transmissões em direto no Instagram, e até as pequenas homenagens aos médicos, levadas a cabo por uma onda de palmas à janela, são exemplos que nos permitem dizer sem grande hesitação que a população está mais unida que nunca, embora sempre a uma distância de segurança, mas tal não é o caso.

Os casos acima enunciados apenas demonstram uma minoria. Com o aumento do tempo em isolamento social há também um crescimento notório nos conflitos interpessoais. As queixas de violência doméstica na China sofreram um crescimento exponencial, após a implementação da quarentena obrigatória, de 40 habituais para 162 na cidade de Jingzhou. O mesmo poderá acontecer em Portugal. No entanto, não estão a ser tomadas medidas eficazes. Por exemplo, o caso da “Máscara-19”, divulgado pela Assembleia Feminista de Lisboa, consistia no uso de uma palavra-chave (Máscara-19) apenas na farmácia do Centro Hospitalar de São João, no Porto, como forma de pedir ajuda por parte das vítimas de violência doméstica, que nunca chegou a funcionar, nem foi planeada pelas autoridades responsáveis, causando assim uma falha vital na defesa das vítimas.

Há toda uma série de problemas associados ao isolamento social que devem ser abordados, agora mais que nunca, por parte de entidades superiores que até agora se têm mostrado incompetentes neste aspeto.



SÃO ROSAS,  
SENHOR,  
SÃO ROSAS

Diogo Heleno

São rosas, senhor, são rosas

Diogo Heleno

**«[...] sabem-no aquele que sofreram por ela, emoras as flores do triunfo pendam murchas na sua coroa de martírio» (Camilo Castelo Branco, Anátema)**

Lá a figura espectral, a tez pardacenta, o traje violáceo. É fêmea a criatura, denunciam-na as convexidades, as velas enfunadas, as cúpulas, o peito que, em potência, por pagãos mistérios, gerará o coloide lácteo que haverá de alimentar o Homem. Esta decerto que não é loba, não serão Rómulos nem Remos a trincarem-lhe as mamas, melhor para ela, evita a sacudidura duas vezes importuna da afã de dois leitõezinhos puxando, cada um para seu lado, a bica do germe que lhes nutre as carnes tenras e, com a tardança própria destes anabolismos, lhes aproxima os ossos da moleirinha. Dali não sairá latina civilização nem coisa que o valha. Diz-me das distâncias que se chama Nise (e eu julgando que aí só Dinamenes), mas longe de mim acreditar em tudo o que estas figuras dizem, o óbolo se lhes enrola a língua, o dracma se lhes entala entre dentes, e qualquer coisa que, enfim, lhes saia da boca, vem dela transviada do caminho reto. Se espírito ou delírio não o podemos ainda distinguir. Para já, tudo são vapores. Pela cor, direi de iodo. É um nimbo que se dilata, augúrio de chuva «por huma praia do Indico Oceano». E aqueles bojos incham a cada momento como aeróstatos com a promessa de aleitar o Mundo todo, fazer dele lezíria, ínsua de nateiros. Fosse isto a Virgem e tudo não seria senão a lactação de São Bernardo, expedida ao universo inteiro, a via láctea, sim, mas igualmente lácteas as orlas, os fojos, as covas, as cavernas, Lupercal e demais, que a seiva é fluente, não escolhe nichos por onde brotar, derramada sobre o orbe, tudo lhe é sujeito e em tudo penetra e escorre.

Ali a figura expande-se e expande-se e, em se expandindo, já se lhe reconhece o rosto oblongo, a tez ebúrnea, acetinada, os cabelos claros em cacho, o manto loio. É tudo isto uma roda-viva de gentes nas partes d'aquém, uma afã absolutamente maior que a dos progénitos de Eneias, frágeis mancebos tentando debuxar a natureza da aparição. Diziam que era nuvem, agora que são tetas de Deusa, mas muito não demorará a que se apercebam que o que lhe cinge os cabelos não são vapores nem auréolas, mas sim um diadema. E, oh meu Deus, veemente virá a reação do povinho! Coroa, coroa! Couronne, couronne! Crown, crown! Corona, corona!

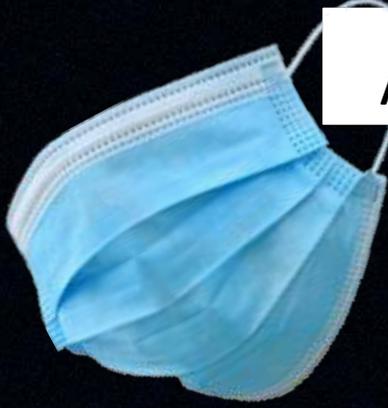
Aqui a figura é tamanha que humano olho já não lhe abarca as dimensões. Sobre as trigueiras tranças, crepes fúnebres, e sobre o colo, cobertos, espiam terríveis acúleos. Basta agora incharmos o peito, por nosso turno, da coragem para fazer a questão derradeira.

- Que tendes Vós aí?

Quem o soubesse0

**A TRAGÉDIA GREGA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS**

Rui Verdasca



## A TRAGÉDIA GREGA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Rui Verdasca

1. Numa das tragédias gregas mais aclamadas da Antiguidade, *Édipo Rei* (em grego, Οιδίπους Τύραννος- transl/ *Oidípous Týrannos*), de Sófocles, a primeira anotação que lemos é que há uma peste a grassar a cidade de Tebas. Como consequência, a tragédia principia com o *týrannos*, Édipo, em grandes dificuldades para identificar a causa da epidemia, pelo que, num artificialismo brilhantemente construído por Sófocles, vamos compreendendo que a praga se deve precisamente à sua má-governança. O resto da história já nós o conhecemos, não só pela incidência da teoria freudiana sobre este ponto mas também pela característica especial que o enredo evoca, mesmo nos dias de hoje: assassínio, incesto e automutilação. Com a mais recente turbulência que o ano de dois mil e vinte tem vindo a sentir, a tragédia grega toca-nos, despindo-nos na nossa *nudez forte da verdade* – apropriando a expressão queirosiana – e permitindo-nos fazer ligações várias com ela. Sófocles dialoga, portanto, connosco neste momento de profunda necessidade de diálogo; e, contrariamente à profecia que, em *Édipo*, serve como mecanismo de enunciação trágica, a forma como a COVID-19 surgiu só o determinismo o sabe. Não nos interessa, por conseguinte, analisar se houve uma má-governança. O que verdadeiramente nos interessa é a possível automutilação que o momento presente poderá trazer num momento futuro, no ἔξοδος (*exodus*), ou seja, no final estrutural desta recente tragédia. O repto patente é, então, olharmos, enquanto temos olhos para o fazer, os dois lados de uma moeda; e se, no plano do isolamento social, estamos, na cara, mais próximos de outrem ou, na coroa, mais distantes.

2. Em primeiro lugar, o isolamento social que estamos a cumprir tem sido, *grosso modo*, manifestamente positivo. Não só estão os indivíduos a quedar-se em casa, indo ao encontro do estabelecido, mas também, e aqui o importante núcleo, tem havido uma evidente união para que a crise se desvaneça (e.g. disponibilização gratuita de elementos culturais, apoios económicos, comportamentos de ajuda para indivíduos de risco, *et cetera*). Numa visão prática, estamos, por conseguinte, mais próximos dos outros. Isso é factual. E, portanto, pese embora a existência de algumas manifestações sociais que ocorreram mais negativamente (em vez de corrida aos armamentos, a corrida às latas de atum, por exemplo), não conjurámos o apocalipse. Felizmente, aquilo que Saramago descreveu em *Ensaio sobre a Cegueira* não foi exatamente a realidade da COVID-19. Não se descarte, contudo, imediatamente o génio

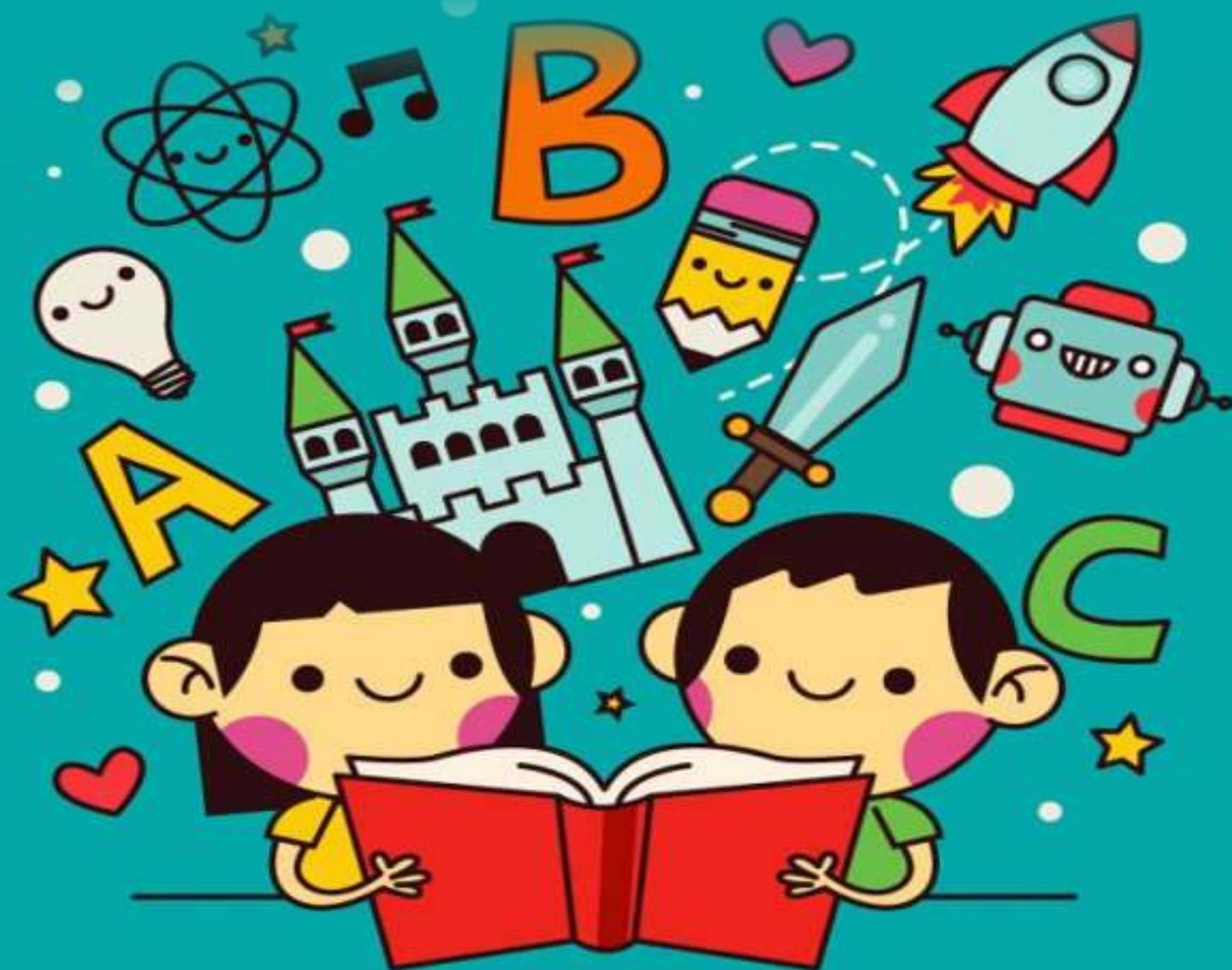
saramaguiano, pelo menos nos moldes sociais tão típicos de hoje. Na verdade, o que existe é necessidade e obrigação de vida ou morte: estes são o que há de mais natural. Então, agimos. Mas estamos efetivamente mais próximos? Ou estamos a levantar o *manto diáfano da fantasia* que esconde a natureza manifesta da vivência habitual, quando sem coronavírus? Como resposta, podemos olhar isto de duas formas: o isolamento social tem vindo ou a cegar-nos ou a fazer com que arranquemos os nossos próprios olhos, como Édipo.

**3.** O que é que este isolamento evidencia, portanto, da proximidade com os outros? Revela uma profundidade subtil: a de que, na verdade, não estivemos próximos antes, e tão pouco estamos agora, se é que estamos a falar de uma verdadeira proximidade. As discrepâncias, tão longamente vistas, tão envelhecidas, são inerentemente imensas, com ou sem vírus. Neste momento em que temos um *com*, a forma como nos unimos é só uma forma de reparar o *sem*. Ou seja, na boa lógica que nos caracteriza, preferimos reparar as consequências do mal, quando o que seria eficaz, honesto e verdadeiro apanágio de união seria impedir a raiz de crescer. Apropriando Eça novamente, *Procastinare lusitanum est*. Povo de procrastinação efetivamente; mas esqueceu-se Eça do resto do mundo. De todo o modo, a raiz cresce; e com ela, uma espécie de união, atendendo ao facto de que é com efeito uma espécie, uma *avis rara*, ainda por cima ínfima, porque não existe. Somos, com ou sem isolamento, duplamente distantes. *Sem*, porque é a originária. *Com*, porque é o corolário. E, assim, o isolamento e a questão da proximidade evocam uma reflexão: uma de bons ou maus modos de fazer as coisas, ou de pensá-las. A ver o outro lado da moeda, a coroa, encontramos entre nós uma distância *ab origine* e *ab imo*. E, naturalmente, a que agora estamos imersos.

**4.** Será que quando o vírus for ultrapassado, pois eventualmente será, voltaremos ao mesmo dia-a-dia tão egoisticamente distante, tão comum, tão real que o não vemos? *Salve*, coronavírus!, ao menos, entre tanta tragédia, dá-nos olhos para ver aquela que é verdadeira! A constante, a sempiterna não-solidariedade. *Estranhos prisioneiros são esses de que tu falas* que precisam de um vírus para observar, e mesmo assim são cegos. *Semelhante a nós*, virulentos, num globo que aparenta ser plano, em que cerca de cinquenta indivíduos têm mais riqueza que três biliões. A absurdidade é, indubitavelmente, imensa, extensa e intensa: caminhando *ad infinitum*. A verdadeira solidariedade, e por extensão proximidade, é, em suma, aquela que existe sem vírus. De todo o modo, acabou-se por falar da má-governança. Talvez fosse o que estava do outro lado moeda. Tal como Sófocles imprimiu em Édipo, também não escapamos à profecia. Tentemos, mesmo assim, não arrancar os olhos, quando se der a peroração.

# CONTA-ME UMA HISTÓRIA MAMÃ

Mafalda Estrada



Conta-me uma história mamã

Mafalda Estrada (pseudónimo)

**Nota: este texto foi premiado com o 3º lugar no concurso de conto organizado pela Mediateca da ESEACD em 2019/2020.**

- Sofia! Anda para a cama que amanhã tens escolinha bem cedo. –Chamei-a já exausta de um longo dia de trabalho.

- Já vou mamã, andava só à procura do meu ursinho de peluche. – diz-me deitando-se na cama e deixando-me aconchegá-la.

Acabo de a preparar para dormir e vou-lhe desejar uma boa noite de sono quando ela me interrompe.

- Mamã, mamã! Conta-me aquela história de como tu e o papá começaram a namorar, aquela que eu gosto muito, por favor mamã conta! - pede-me impaciente e com aquela carinha adorável à qual não consigo negar nada.

- Pronto convenceste-me eu conto-te a história- digo dando um grande sorriso. Esta também é a minha história preferida- “Há dez anos atrás numa pequena cidade, vivia uma menina muito sonhadora. No seu 17º aniversário, no temível ano de 2020, apareceu um poderoso feiticeiro chamado Corona que afetou, não só a cidadezinha da Mafalda, mas também todo o mundo. O feiticeiro era muito poderoso e muito mau. Punha as pessoas muito doentes e trancava as restantes nas suas casas, separando-as das famílias e amigos o que as deixou muito tristes. Diariamente heróis que salvavam pessoas doentes, lutaram arduamente contra o Corona, mas foi uma guerra que demorou muito tempo.

A Mafalda era uma das pessoas trancadas em casa. Não podia sair para lado nenhum, nem podia abraçar os que amava, algo que aos poucos e poucos foi deixando a Mafalda numa tristeza profunda. Quando a Mafalda, cansada de viver em tão grande tristeza, começou em pensar trocar de mundo, apareceu-lhe um belo príncipe encantado que a salvou da sua tristeza”0

- Mas mamã, se as pessoas não podiam sair de casa, como é que o papá, quer dizer o príncipe salvou a Mafalda?

- O príncipe escreveu à Mafalda. –expliquei, recordando-me de como me senti ao receber a 1ª mensagem do Martim. - O “ O príncipe, que se chamava Martim, era um colega de escola da Mafalda, porém nunca foram muitos chegados, ainda que Mafalda gostasse dele em segredo.

O príncipe escreveu a Mafalda que tinha saudades dela como colega e perguntou-lhe se estava bem, as conversas normais que as pessoas têm, mas daí surgiu uma forte amizade. Os dias, as semanas e os meses foram passando e Mafalda e Martim foram-se tornando cada vez mais amigos, até que um dia os seus corações se uniram e eles souberam que estavam destinados a ficar juntos.

Quatro meses tinham-se passado desde o início da enclausura, duas semanas desde que o Martim confessou a Mafalda o seu amor e ainda não se podiam encontrar nem o selar com o beijo típico dos contos de fadas, porque o malvado Corona ainda dominava o mundo e impedia as pessoas de sair de casa.

Mais meses se passaram e os namorados cada vez mais desesperavam por sentir o toque um do outro, mas o Corona permanecia e parecia estar a ganhar a guerra contra os heróis, que sucumbiam aos furiosos ataques do inimigo. Todavia, Martim não parecia ter medo do Corona e saía à socapa de casa para observar Mafalda da janela do seu quarto. Nestes encontros proibidos, Martim declama belos poemas à sua amada enquanto ela o escutava com muita atenção, trocavam-se olhares apaixonados e grandes sorrisos, foi então num destes momentos que juraram que no dia em que os heróis banissem o Corona os dois iriam dar um belo passeio. Continuaram a encontrar-se assim às escondidas, mas um dia Martim não apareceu. Mafalda ficou muito preocupada e escreveu logo ao seu amado. Ele não respondeu. Soube mais tarde por outros que Corona o tinha apanhado. Mafalda nem pensou um segundo, agarrou no que precisava e partiu logo em busca de Martim, mas uma heroína sua amiga impediu-a e prometeu que faria tudo o que lhe fosse possível para o salvar das garras do Corona”0

- O Corona fez mal ao papá, mamã? - disse-me com uma carinha de preocupação.

- Não querida, o papá era um rapaz forte, tal como tu és uma criancinha forte - disse-lhe fazendo cócegas na barriga.

-Espero que tenhas agradecido à tua amiga heroína, porque ela cumpriu a sua promessa! - diz-me esboçando um enorme sorriso. Lembro-me do quão feliz fiquei ao saber que o Martim recuperou da doença. Eu não conto à Sofia, mas o pai dela esteve mesmo às portas da morte. Continuei a minha história:

O/ “Então passado uns dias (na realidade foi mês e meio) a amiga da Mafalda trouxe o Martim são e salvo e a Mafalda agradeceu-lhe imenso pela a sua ajuda. Passado umas semanas as notícias porque todos esperavam chegaram: os heróis estavam a ganhar na guerra ao Corona, esta notícia alegrou a todos e encheu-os de esperanças. Mafalda escreveu logo a Martim. “Finalmente meu amor, finalmente vou poder ver-te e abraçar-te/ Já falta pouco querido Martim/ Com amor, Mafalda/” Demorou apenas uma semana para conseguirem expulsar de vez o Corona e finalmente as pessoas conseguiram sair à rua.

Mafalda alegrou-se mal pôs o pé na rua. Apreciou o sol na sua face, e o vento nos seus cabelos por uns momentos e logo correu pela cidade fora em busca do seu grande amor, encontrou-o a meio caminho. Parece que tiveram a mesma ideia. Hesitaram por instantes. Era estranho pensarem que finalmente se iriam tocar, quase após um ano de namoro. Foi então que correram para os braços um do outro e selaram o seu amor com o tão esperado beijo.

- E foram felizes para sempre mamã? -pergunta-me sofia, radiante e com um brilho dos olhos. Esta era realmente a sua história preferida.

- Sim meu amor, eles foram felizes para sempre, principalmente, quando anos mais tarde tiveram a sua filha Sofia. - Ela soltou um delicioso sorriso- Mas agora a menina Sofia tem que dormir que já é muito tarde- falei seriamente e ela assentiu com a cabeça.

Despedi-me com um beijo na testa e apreciei a sua forma de dormir por uns momentos. Segui para o meu quarto onde o Martim já estava deitado a ler um livro. Preparei-me para dormir e deitei-me ao seu lado. Reparo na sua face e sorrio, realmente ele e a Sofia são as melhores coisas na minha vida.

- Amo-te meu amor! - digo-lhe olhando-o apaixonadamente.

Ele pousa o livro e aconchega-me junto a ele.

- Também te amo! - diz-me beijando-me a testa. E então adormeço no calor os seus braços sentindo-me a mulher mais sortuda do mundo.

